



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS - DLI**

JOÃO PEDRO SANTOS OLIVEIRA

**SÉRIE WESTWORLD:**  
**A REPRESENTAÇÃO DO PÓS-HUMANO E O CONFLITO**  
**HOMEM-MÁQUINA**

ITABAIANA/SE  
Maio/2022

JOÃO PEDRO SANTOS OLIVEIRA

**SÉRIE WESTWORLD:**  
A REPRESENTAÇÃO DO PÓS-HUMANO E O CONFLITO  
HOMEM-MÁQUINA

Monografia apresentada ao Departamento de Letras  
Língua Portuguesa, da Universidade Federal de  
Sergipe, Campus. Prof. Alberto Carvalho como  
requisito para obtenção do título de licenciatura em  
Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Jean Paul D Antony Costa Silva

ITABAIANA- SE

2022

JOÃO PEDRO SANTOS OLIVEIRA

**WESTWORLD (SÉRIE):**  
**A REPRESENTAÇÃO DO PÓS-HUMANO E OS CONFLITOS DE**  
**IDENTIDADE NOS ANFITRIÕES**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras  
Língua Portuguesa, da Universidade Federal de  
Sergipe, Campus. Prof. Alberto Carvalho como  
requisito para obtenção do título de licenciatura em  
Letras Língua Portuguesa.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador

Prof. Dr. Jean Paul D Antony Costa Silva  
Universidade Federal de Sergipe

---

Prof. José Antônio Feitosa Apolinário  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Tony Stark, o Homem de Ferro, construindo sua armadura.....	21
<b>Figura 02</b> – Steve Rogers, o Capitão América, depois do experimento.....	24
<b>Figura 03</b> – Abertura de Westworld.....	29
<b>Figura 04</b> – Dolores nua sentada em modo offline pt. 01.....	29
<b>Figura 05</b> – Dolores nua sentada em modo offline pt. 02.....	29
<b>Figura 06</b> – Dolores presa no seu loop temporal pt.01 .....	30
<b>Figura 07</b> – Dolores presa no seu loop temporal pt.02 .....	30
<b>Figura 08</b> – Violência em westworld.....	31-32
<b>Figura 09</b> – Westworld, aventuras.....	33
<b>Figura 10</b> – Falta de empatia em Westworld.....	33
<b>Figura 11</b> – Anfitriões que questionam.....	34
<b>Figura 12</b> – Humano e androide, quem é quem?.....	40-41
<b>Figura 13</b> – Theodore e Samantha casal do filme Her.....	42
<b>Figura 14</b> – Akihiko Kondo e Hatsune Miku durante a cerimônia de casamento.....	42
<b>Figura 15</b> – Dolores e Arnold na frende da igreja.....	44-45
<b>Figura 16</b> – O despertar de Dolores pt.1.....	46
<b>Figura 17</b> – O despertar de Dolores pt2.....	46
<b>Figura 18</b> – O dilema do Homem de Preto.....	48

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 CAPÍTULO I – PÓS-HUMANISMO.....</b>	<b>09</b>
2.1 A tradição humanística: natureza humana x condição humana.....	10
2.2 Ficção científica e Pós-humano, uma história interligada.....	15
2.3 Transhumanismo e a ideia de ciborgue.....	19
<b>3 CAPÍTULO II – PÓS-HUMANISMO NA SÉRIE WESTWORLD.....</b>	<b>26</b>
3.1 Westworld: narrativa, cronologia e cinematografia.....	26
3.2 Inteligência artificial e a singularidade tecnológica.....	35
3.3 Aquisição de consciência e conflitos de identidade.....	43
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## RESUMO

O presente trabalho aborda a presença do pós-humanismo na série de ficção científica *Westworld* (2016). Nesse sentido, o objetivo é identificar as características da chamada pós-humanidade através da análise desse produto cultural específico: a primeira temporada da série de televisão norte-americana da HBO. Através de um horizonte epistêmico de análise que articula a literatura e o audiovisual, a pesquisa se utilizou de uma abordagem metodológica qualitativa, dando descrições detalhadas de alguns dos principais movimentos pós-humanistas como o transhumanismo e o ciborguismo, com o objetivo de compreender os indivíduos pós-humanos em seus próprios termos. Além disso, será utilizado o método dialético, uma vez que permite que o fenômeno social pós-humanista seja analisado enquanto realidade em movimento. Finalmente, transitaremos entre as teorias da robótica com Turing (2010), Asimov (1984); assim como teorias envolvendo a consciência com Hegel (1992) e Jaynes (1976). investigação que articula literatura e cinema, ou, literatura e audiovisual (de forma mais elástica), como horizonte epistêmico de análise. Embora seja relativamente recente, *Westworld* (2016) se revela um ponto de convergência e uma releitura das principais histórias de ficções científicas envolvendo robôs, androides e ciborgues, dessa forma, trazendo à tona discussões como: qual a diferença do humano e da máquina? O que é a consciência e em que medida ela pode ser criada? Como nos diferenciamos das máquinas? Quais são as consequências éticas de um mundo que progressivamente embaça essa divisória, etc.?

**Palavras-Chaves:** Ficção Científica; Pós-humanismo; Transhumanismo; Identidade.

## 1 INTRODUÇÃO

Há muito tempo a relação homem-máquina é figura recorrente no imaginário popular e, conseqüentemente, fonte de inspiração para as narrativas de obras ficcionais. É fato, que isso se dá devido à influência e desenvolvimento da tecnologia e da ciência que vem dando saltos cada vez maiores. Atualmente, dizemos que vivemos na época da internet, das inteligências artificiais e também das alterações genéticas, situações que nos faz questionar o nosso futuro pós-humano. Logo, podemos indagar também que estas situações oriundas do contexto ficcional, a exemplo da metamorfose entre homem e máquina, estão cada vez mais diluídas, seja no espectro ficcional ou na sociedade real.

O futuro pós-humano é real e já é visto com entusiasmo por diversas áreas do conhecimento. Segundo Casimiro e Araújo (2020), um total de 11 áreas de conhecimento científico estão em constante diálogo com o pós-humano em suas pesquisas, sendo elas: a Bioética e Saúde; a Filosofia; a Linguística; a Teologia; a Ciência da Informação; a Sociologia; a Tecnologia; o Trabalho; a Administração; as Artes e o Direito (CASIMIRO; ARAÚJO, 2020). O estudo apurou também, que entre os principais assuntos retratados nas 11 áreas está a questão da hibridização entre humano e máquina, o melhoramento genético e as inteligências artificiais, temáticas que influenciam diretamente a forma de se pensar a sociedade. Logo, tendo em vista a capacidade de influência dessas temáticas no âmbito do social, filosófico, político e até constitucional, é imperativo que refletir acerca das relações pós-humanistas com a devida atenção.

Nesse sentido, o objetivo geral do presente trabalho é refletir e identificar as características da chamada pós-humanidade através da análise de um produto cultural específico: a primeira temporada da série de televisão norte-americana da HBO, *Westworld* (2016). Assim, discutiremos o pós-humanismo, amparados pelas suposições teóricas de Hannah Arendt (2007), Donna Haraway, Hari Kuzru, Tomaz Tadeu (2000), Jürgen Harbemas (2004) e Francisco Rüdiger (2008), acrescidos de proposições de autores cujas abordagens giram em torno do gênero específico da ficção científica, como Isaac Asimov (1984), Philip K. Dick (1968) e Max Barry (2009) e com pinceladas em algumas teorias filosóficas – como Hegel

(1992), Jaynes (1976), Lessa (2011) e Sartre (1970) – delimitaremos a análise da série de televisão norte-americana. A partir de um diálogo entre as referidas repercussões teóricas, a mídia e as novas tecnologias, prosseguiremos com uma análise da primeira temporada da série *Westworld* (2016), um produto cultural de ficção que trabalha de forma articulada as camadas acerca do pensamento transhumanista e pós-humanista.

Escolhemos uma obra de ficção científica, pois, como afirma Meirelles:

A ficção é um fenômeno mental, ou seja, expressão do imaginário humano e participa expressivamente nas instâncias das relações no interior de uma formação social. O imaginário se apresentaria como um produto de interação de relações materiais e de modos de comportamento é a forma de suprir o contato direto, mantendo a realidade do objeto e a sua existência como coisa real. (MEIRELLES, 2002, p. 157).

A ficção científica comumente se propõe a teorizar cenários futurísticos, nesse sentido, a pesquisa se debruçará na análise de um produto cultural específico: *Westworld*, oriundo desse gênero cinematográfico para retomar discussões em pós-humanismo e, em um segundo momento, analisar como estão inseridos no contexto da série. A série de Jonathan Nolan e Lisa Joy, tem sua inspiração em um filme de mesmo nome que teve sua estreia em 1973, e foi escrito e dirigido por Michael Crichton. Ambos os enredos retratam um parque de diversões, cujos principais brinquedos são os Anfitriões, androides que são análogos aos humanos em aparência e ações.

Inicialmente, é revelado que o parque funciona como um local em que os clientes vão para libertar seus verdadeiros instintos; um espaço para entrar em contato com sua verdadeira natureza. Assim, todos aqueles que pagam para disfrutar de *Westworld* podem fazer o que bem entenderem com os anfitriões, até mesmo ações hediondas como matar e estuprar. Por outro lado, os anfitriões são programados com toda a palheta de sentimentos humanos; elas sentem dor, desespero e até raiva e ódio, entretanto, são incapazes de qualquer tipo de retaliação contra seus algozes. Eles até são programados para resistir, mas não passa de uma falsa sensação de controle, cujo objetivo é proporcionar maior imersão aos visitantes, que sempre têm suas fantasias realizadas.

A reviravolta da trama ocorre no momento em que Ford, o CEO do parque, insere uma nova atualização chamada “Devaneios”, que inicialmente é tida como uma espécie de aumento na capacidade de improvisação dos Anfitriões visando aumentar a imersão dos convidados.

Entretanto, a nova atualização, na verdade, é a continuação de um antigo projeto do ex-sócio de Ford, Arnold, e ela tem como objetivo desafiar os anfitriões a pensarem por si mesmos e se situarem na realidade em que vivem, em outras palavras, consciência.

Assim, visando atingir as muitas facetas da temática escolhida, a pesquisa se utilizou de uma abordagem metodológica qualitativa, dando descrições detalhadas de alguns dos principais movimentos pós-humanistas como o transhumanismo e o ciborguismo, com o objetivo de compreender os indivíduos pós-humanos em seus próprios termos (GOLDENBERG, 1997). Além disso, empregamos o Método Dialético, de modo a analisar o fenômeno social pós-humanista enquanto realidade em movimento (nenhuma coisa está ‘acabada’), encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver “o fim de um processo é sempre o começo de outro” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 75).

No que se refere à tipologia, consistiu em primordialmente teórica, isto é, de análises das hipóteses e teorias pós-humanistas. Logo, a pesquisa se caracteriza como essencialmente explicativa, consistindo não só de registro, mas de análise e interpretação dos fenômenos estudados, procurando identificar na série *Westworld* (2016) os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência ou não dos fenômenos pós-humanistas.

No capítulo I, foi abordado a revisão da literatura para apresentar os conhecimentos teóricos necessários para a progressão e entendimento da pesquisa. Inicialmente, fizemos um pequeno apanhado histórico sobre o conceito geral de humano, dando ênfase as ideias de natureza e condição humana e comentado de forma breve como essas ideias se relacionam com o pós-humanismo. Em seguida, apresentamos um paralelo entre a história da ficção científica – Isaac Asimov (1984), Philip K. Dick (1968) – com as pesquisas em pós-humanismo – com Donna Haraway, Hari Kuzru, Tomaz Tadeu (2000), Jürgen Harbemas (2004) e Francisco Rüdiger (2008). Para finalizar o capítulo, nos aprofundamos na análise da corrente pós-humanista conhecida por transhumanismo, trabalhando os diferentes conceitos relacionados aos indivíduos conhecidos como ciborgues.

No capítulo II abordaremos o cerne da pesquisa, a série *Westworld* (2016), isto é, a partir da revisão da literatura faremos uma análise minuciosa dos elementos que problematizam a pós-humanidade encontrados série, dando uma atenção especial para os anfitriões (androides). Tal como veremos em *Westworld* (2016), o avanço tecnológico e o seu uso para os mais diversos fins, além do surgimento de máquinas cada vez mais inteligentes, concebe mudanças nas relações humanas, dando origem a uma era pós-humana. Essa nova era traria implicações

no que se refere a limite de aperfeiçoamento dos corpos; Reação humana diante a máquinas inteligentes que não desejam se submeter a nós. Temas antes vistos somente através da ficção se tornando discussões reais.

## **2 CAPÍTULO I – PÓS-HUMANISMO**

Ao longo de toda história da humanidade, se buscou através dos mais variados estudos e reflexões alternativas que explicassem a singularidade que destaca o humano dentre os demais seres encontrados na natureza. Essa construção do humano se deu a partir de filósofos, intelectuais, cientistas e também artistas, indivíduos que se dedicaram a conhecer e desvendar os mistérios do homem e sua relação com a natureza, com o divino e com ele mesmo. Nesse sentido, perguntas como: quem sou eu? Para onde vou? Como existo? Por quê? Foram a base para o início do que conhecemos como tradição humanista.

### **2.1 A tradição humanística: natureza humana x condição humana.**

Na busca por respostas para as perguntas citadas anteriormente, destacam-se os pensadores gregos, filósofos mundialmente conhecidos, como: Parmênides, Heráclito, Sócrates, Platão e Aristóteles, entre outros<sup>1</sup>. Esse horizonte discursivo nasceu na Grécia a 2.500 a.C., fez do país pioneiro, por muito tempo, nos mais variados campos de estudos como: na astronomia, matemática, metafísica, etc. Além disso, as contribuições desses estudos foram, por mais de mil anos, a base para o pensamento científico ocidental e continua relevantes hoje em dia.

Dessa forma, é através dos filósofos gregos que os conceitos abstratos como psique, alma e razão nascem e se desenvolvem tendo o próprio homem como base e ponto de partida. O filósofo Protágoras, por exemplo, apontava o homem como a medida de todas as coisas, colocando o homem na condição única medida do que é ou não verdadeiro, esse pensamento torna a verdade relativa, sendo ela agora definida a partir de um contexto situacional e condicionada pelo conhecimento e experiência dos indivíduos inseridos nesse contexto. Essa premissa se aplica a leis, regras e a cultura, tudo deveria ser definido por um grupo de pessoas,

---

<sup>1</sup> (BORGES G., 2022) Os **principais filósofos gregos**, passando pelos pré-socráticos, socráticos e helenísticos, e suas respectivas contribuições para o entendimento da existência humana, a ética e moral, o conhecimento, etc.

além disso, os valores de uma comunidade não necessariamente seria igual aos de outra. A máxima de Protágoras também se aplica ao que é particular e pessoal de cada indivíduo, uma vez que pertencendo ou não a um mesmo grupo social a experiência de mundo do indivíduo é particular.

No decorrer da história a Grécia foi dominada por Roma, e apesar de ter sua cultura assimilada pelos romanos, o pensamento filosófico grego sofre um gradual enfraquecimento. Nesse período, tivemos também a ascensão do cristianismo, surgindo a dualidade entre razão e fé, assim como a ideia de livre-arbítrio que permitiria ao homem a escolha entre o bem e o mal. Nessa fase, somente através do divino o homem poderia alcançar se conhecer e se tornar realizado. Nesta fase, os principais pensadores e filósofos são: Santo Agostinho, Tomás de Aquino, John Duns Scotus e Guilherme de Ockham<sup>2</sup>.

Todavia, é só a partir do século XVI que o homem se coloca como protagonista da própria história, durante o período histórico do Humanismo, liderados por filósofos e pensadores escolásticos (século IX ao XIV). Nessa fase, ocorre a recuperação da cultura clássica greco-romana, apoderando-se dos conteúdos e valores humanos deixados nos textos escritos na antiguidade (VIEIRA, 2016, p.280). Além disso, o homem se tornaria também um objeto de investigação científica, agindo unicamente através da razão definidora da sua Natureza Humana. Entre os principais estudiosos/filósofos desse período estão: Descartes, Rousseau, Maquiavel, Thomas Hobbes, John Locke, David Hume e Kant<sup>3</sup>, todos trabalhando em suas respectivas maneiras com a ideia de Natureza Humana.

Em síntese, para compreender a ideia geral de Natureza Humana, como observa Klein (2019), é importante levar em consideração alguns pontos principais, estes seriam um conjunto de traços diferentes entre si, tal qual a maneira de pensar e agir que os seres humanos tendem a ter, independente da sua origem cultural. Em outras palavras, significa que nós já nascemos com ela, é algo que já é pressuposto para o ser humano e o que fazemos ao longo da nossa vida é transformar as potencialidades que já temos. Por outro lado, questões sobre quais são essas

---

<sup>2</sup> (CRESCENZO, 2021) Esses filósofos e pensadores são representantes da Escolástica (século IX ao XIV), um movimento que pretendia usar os conhecimentos greco-romanos para entender e explicar a revelação religiosa do cristianismo. As ideias dos filósofos gregos Platão e Aristóteles adquirem grande importância nesta fase: Os teólogos e filósofos cristãos começam a se preocupar em provar a existência da alma humana e de Deus; Para os filósofos escolásticos a Igreja possuía um importante papel de conduzir os seres humanos à salvação.

<sup>3</sup> (Netmundi, s.d.) O artigo explana mais sobre o conflito entre racionalistas e empiristas, e como Immanuel Kant, um dos filósofos mais importantes da tradição, sintetizou as duas ideias.

características/potencialidades, o quanto elas podem ser alteradas, e como são formadas ainda é motivo de dúvidas, teorias e discussões.

Seguindo o transcorrer da história, o rápido avanço tecnológico e científico advindo das revoluções industriais, serviu de base para a formação de vários ramos da ciência contemporânea especializadas no estudo da chamada Natureza Humana, como: a antropologia, sociologia, psicologia, psicologia evolutiva e a psicologia comportamental, entre outras. Entretanto, também é a partir das revoluções industriais e suas novas configurações a respeito do trabalho que surge uma nova abordagem conhecida como Condição Humana.

Essa nova corrente filosófica se mostrava insatisfeita com a suposta característica universal que evidenciava a natureza humana, pois, para esses filósofos, o ser humano deve ser caracterizado por aquilo que cada uma faz de si mesmo, de acordo com as realizações humanas no mundo (SARTRE, 1970). Nessa perspectiva, não há nada universal que defina o ser humano, dessa forma, ele só poderia ser compreendido através de observações das relações com outros indivíduos e com as coisas do mundo. Desse modo, os filósofos que pensam em termos de condição humana colocam muito mais ênfase na investigação da existência porque acreditam que podem, não conhecer, mas condicionar o ser humano ao relacioná-los aos fatores históricos e sociais em meio aos quais o ser humano vive sobretudo nas ações que ele exerce sobre sua influência, sendo capaz de produzir novas condições.

Para a filósofa Hannah Arendt (2007), essa condição deveria ser compreendida como um exercício que ela denominou com uma *Vita Activa*<sup>4</sup>, que é composto de 3 atividades humanas fundamentais (o trabalho, a obra e a ação), que teriam íntima relação com as condições mais gerais da existência humana, sendo elas: o nascimento e a morte. O trabalho seria a atividade do corpo humano no seu aspecto biológico; a obra, seria a existência que consiste em criar a natureza e criar a cultura; a ação, seria a atividade política, aquilo que os indivíduos realizam entre si. A cada uma dessas atividades corresponde uma condição humana, o trabalho corresponde a própria vida pois ela é a condição para realização de todas as atividades; A obra corresponde à mundanidade, na medida que os seres humanos vão criando o mundo através da

---

<sup>4</sup> Segundo a autora, a expressão *vita activa* é perpassada e sobrecarregada de tradição. É tão velha quanto a nossa tradição de pensamento político, mas não mais velha que ela. E essa tradição, longe de abranger e conceitualizar todas as experiências políticas da humanidade ocidental, é produto de uma constelação histórica específica: o julgamento de Sócrates e o conflito entre o filósofo e a polis. Depois de haver eliminado muitas das experiências de um passado anterior que eram irrelevantes para suas finalidades políticas, prosseguiu até o fim, na obra de Karl Marx, de modo altamente seletivo. A própria expressão que, na filosofia medieval, é a tradução consagrada da *bios politikos* de Aristóteles, já ocorre em Agostinho, em *vita negotiosa* ou *actuosa*, que reflete ainda o seu significado original: uma vida dedicada aos assuntos públicos e políticos

cultura; E a ação, corresponde à pluralidade, pois é através dela que a política pode ser exercida por todas as pessoas. A condição humana é, portanto, aquilo que nos permite que, exercendo uma *vita activa*, sejamos humanos de fato.

Contudo, ela ressalta que essa noção não define o que somos, apenas nos condiciona, isto é, ela apenas nos norteia em direção ao horizonte onde podemos construir nossa vida. Ela não vai nos determinar de maneira absoluta, porque essa determinação, inclusive, iria contra nossa liberdade. A natureza humana só poderia ser conhecida do ponto de vista de uma divindade, de um ser que estivesse acima dos humanos, já as condições humanas são claras e dão aos seres humanos o referencial dentro do qual eles podem se mover e criar. Podemos chegar de diferentes maneiras a um determinado objetivo. Dessa forma, a condição humana se diferencia da natureza humana, na medida em que ela se apresenta a partir da soma total das atividades e capacidades humanas.

[...] A condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total das atividades e capacidades humanas que correspondem à condição humana não constitui algo que se assemelhe à natureza humana. Pois nem aquelas que discutimos neste livro nem as que deixamos de mencionar, como o pensamento e a razão, e nem mesmo a mais meticulosa enumeração de todas elas, constituem características essenciais da existência humana no sentido de que, sem elas, essa existência deixaria de ser humana. A mudança mais radical da condição humana que podemos imaginar seria uma emigração dos homens da Terra para algum outro planeta. Tal evento, já não inteiramente impossível, implicaria em que o homem teria que viver sob condições, feitas por ele mesmo, inteiramente diferentes daquelas que a Terra lhe oferece. O labor, o trabalho, a ação e, na verdade, até mesmo o pensamento como o conhecemos deixariam de ter sentido em tal eventualidade. Não obstante, até mesmo esses hipotéticos viajores terrenos ainda seriam humanos; mas a única afirmativa que poderíamos fazer quanto à sua «natureza» é que são ainda seres condicionados, embora sua condição seja agora, em grande parte, produzida por eles mesmos. (ARENDDT, 2007, p.09).

Interessante notar como a autora aqui tenta escapar da ideia de essência humana, enquanto, ao mesmo tempo, apresenta a ideia de condição humana, sem qualquer determinação que limite a ação humana. E isso é bastante conveniente porque se pensarmos só em determinações o ser humano não seria livre, e acabaria sendo apenas um brinquedo do destino, perdendo muito dessa reflexão filosófica, inclusive, a sua responsabilidade perante o mundo.

Outro pensador a investigar o assunto foi Karl Marx (2004), ele buscou relacionar as ideias de natureza e condição humana. Em seu texto *Os Manuscritos Econômicos Filosóficos*

(1932), ele vai ensinar que para compreender o ser humano é preciso considerar ambas as perspectivas ao mesmo tempo, pois segundo ele, se as investigar de forma isolada, não se poderia conhecer verdadeiramente o ser humano. Na obra, ele vai propor um novo sentido a essas impressões, dessa forma, a natureza humana seria o que próprio do humano, que é identificável em cada indivíduo, tal qual os aspectos biológicos, anatômicos, fisiológicos e psicológicos; Não obstante, Marx vai afirmar que os humanos vão expressar tais características através dos aspectos materiais da vida.

O único pressuposto do pensamento de Marx é o fato de que os homens, para poderem existir, devem transformar constantemente a natureza. Essa é a base ineliminável do mundo dos homens. Sem a sua transformação, a reprodução da sociedade não seria possível. Essa dependência da sociedade para com a natureza, contudo, não significa que o mundo dos homens esteja às mesmas leis e processos do mundo natural. Sem a reprodução biológica dos indivíduos não há sociedade; mas a história dos homens é muito mais do que só a sua reprodução biológica [...]. (LESSA; TONET. 2011, p.17).

Para (2004), o trabalho é fonte de humanização, ao trabalhar nós transformamos a natureza e também nos realizamos enquanto humanos. Por condição humana, o texto de Marx, considera a ação completa vivida por homens e mulheres, ou seja, as características que vão assumindo em cada momento histórico, seria a situação completa. Marx, em sua luta contra o capitalismo exploratório da sua época, relacionava a condição humana à alienação do processo de trabalho. Dessa forma, ele denominava o trabalho alienado aquele que acontece para sustentar o capitalismo industrial em que, devido à divisão de funções entre os trabalhadores, cada trabalhador não conhece o processo geral do trabalho, ou seja, não conhece o fruto do seu trabalho.

Em Marx (2004) o trabalhador perde a sua humanidade por colocar parte da sua vida, naquilo que produz e não pertence a ele, sendo assim transformado em um objeto. O humano deixaria ser autônomo e criativo deixando de ser um processo de transformação da natureza e construção do humano. E acaba se convertendo num processo mecânico e repetitivo, o trabalho já não é aquilo que faz o ser humano plenamente humano, transformando o ser humano em uma engrenagem semelhante a uma máquina.

Nesse sentido, a partir das observações de Sartre, Arendt e Marx sobre a condição humana, podemos dizer que, dentro da sociedade tecnocrática o referencial humano é, cada vez mais, posto em xeque em decorrência da metamorfose máquina-homem. Atualmente, todo o

nosso saber sobre nós mesmos e o que fabricamos – máquinas e artefatos –, ou seja, aquilo que acoplamos aos corpos – os celulares, as próteses – se configuram em novos e mutáveis fenômenos, que podem ser classificados como pertencentes à linha pós-humanista. O pós-humanismo que, ganha ainda mais destaque no final do século XX quando a evolução da técnica passou a dar passos ainda maiores, a exemplo das revoluções industriais, e assim a relação do humano com os objetos técnicos desenvolveu um caráter de dependência.

## **2.2 Ficção científica e Pós-humano: uma história interligada**

Desde o final o século 19, escritores como Júlio Verne e H. G. Wells – influenciados pela segunda fase da revolução industrial e o avanço científico em geral – foram a base para a criação do gênero ‘ficção científica’, que surgiu para categorizar obras com temáticas científicas e futuristas.

Dentro desse gênero, robôs, andróides e ciborgues são uma constante, sendo figuras recorrentes nos mais diversos produtos culturais: livros, filmes e séries. Entre as obras mais notáveis podemos citar *Eu, Robô* (1950), de Isaac Asimov; *2001: Uma odisseia no espaço* (1968), de Arthur Clark; *Star Wars* (1977), de George Lucas; *O guia do mochileiro das galáxias* (1979), de Douglas Adam; *Blade Runner: o Caçador de Andróides* (1982) e *Matrix* (1999), dos Irmãos Wachowski, entre outros. Em todas essas obras, os três elementos citados aparecem de forma impactante, seja protagonizando, antagonizando ou quando aparece de modo meramente decorativo, como parte da ambientação do mundo.

Nesse sentido, a ficção científica se destaca dos outros gêneros ficcionais por ser fundamentada na plausibilidade. Uma obra de ficção científica tem como principal característica buscar trabalhar a fantasia dentro do aceitável, do admissível, seja para a época da sua publicação ou uma época futura. O grande diferencial desse gênero é certamente convencer o seu público de que as ideias apresentadas, apesar de não parecer plausíveis em um primeiro momento – contexto atual –, poderiam ser, se fosse em uma época futura ou se determinada tecnologia já tivesse sido inventada. Diferente de outros gêneros que demonstram pouca preocupação com a viabilidade real de seus acontecimentos, como a ficção fantástica, a ficção científica busca constantemente a validação racional para suas ideias.

A Ficção Científica é uma forma cultural que articula simbolicamente nosso acesso à vida que vai surgindo com o avanço da tecnociência maquinística. O entretenimento costuma ser sua principal função, mas ela a isso não se resume, visto que sua criação é algo devidamente pensado. A ressonância que o gênero obtém entre o público que o consome depende de sua capacidade de divertir, sem se desconectar dos problemas, anseios e ansiedades que, mesmo de forma latente, fazem ou vão fazendo parte do modo de vida do homem contemporâneo. (RÜDIGER, 2008, p.137).

Desse modo, a imaginação, aliada ao estudo aprofundado das tendências tecnológicas e à forte necessidade de explicação e coerência encontradas na ficção científica, deu aos escritores desse gênero a possibilidade não de prever, mas de antecipar alguns dos grandes saltos tecnológicos. O próprio Júlio Verne conseguiu antecipar invenções tecnológicas inexistentes na época em que viveu, mas que hoje são consideradas comuns, como o motor elétrico, baterias recarregáveis, entre outros. Em uma época em que a forma mais moderna de atravessar os mares era através dos grandes navios a vapor, o escritor conseguiu antecipar uma embarcação submersível, com todo um sistema de controle de ar e que era movido à eletricidade, o famoso submarino Nautilus do capitão Nemo.

Entretanto, os enredos de ficção científica mais convenientes para esta pesquisa são os que envolvem máquinas inteligentes, sendo que muitas – salvo as devidas proporções – já podem ser consideradas invenções comuns no presente como: Marvin (*O Guia do Mochileiro das Galáxias*), criado para substituir os humanos na realização das funções mais mundanas como abrir portas, guiar pessoas, etc., e R2D2 (*Star Wars*), uma máquina responsável pela manutenção de outras máquinas. Quanto aos famigerados, HAL-9000 (*2001: Uma Odisseia no Espaço*); Pris (*Blade Runner*), T-800 (*O Exterminador do Futuro*, de 1984); Sonny (*Eu, Robô*), são máquinas capazes de tomar as próprias decisões, as quais não seriam mais dependentes ou submissas ao humano.

Consequentemente, a aproximação do real com o ficcional passa a gerar dúvidas sobre o lugar do humano no futuro tecnológico. Em paralelo, as manifestações sociais e culturais tendem a questionar sobre o quão longe estamos de criarmos seres semelhantes a nós em forma e intelecto, porém, com uma estrutura totalmente artificial, bem como questiona as motivações para criá-los e os impactos dessas criações. Em virtude disso, é inevitável o diálogo, a convergência temática que permeia as artes e as ciências:

Nas artes e nas ciências, vários são os estudos, filmes, romances que atualmente se dedicam à linguagem binária e cromossômica. As teorias científicas ou as obras de artistas como Caradog W. James (diretor do filme inglês *The Machine*, 2013), James Cameron (produtor do filme *Avatar*, 2009), Roy Ascott, Moon Kyungwon e Jeon Joonho, Gary Hill, Gilberto Prado, envolvidos em projetos nas áreas de realidade virtual, telepresença, cibernundos, caves, transe cibernético, nanoengenharia e bio-robótica, cujo objetivo é replicar o mecanismo biológico de funcionamento de alguns seres vivos, incluindo seres humanos, não nos escandalizam mais. Essas obras e pesquisas dialogam com as teorias segundo as quais as máquinas evoluirão para a autoconsciência, a partir do surgimento dos primeiros robôs (ou andróides) multifuncionais. No filme *The Machine*, o protagonista McCarthy procura a imortalidade da alma através de upload para um banco de dados, de bits ou rede eletrônico neural, pois somente através do escaneamento do cérebro humano seria possível salvar vidas, sobretudo a de sua filha acometida pela síndrome de Rett. Antes que a filha morresse, ele consegue criar Ava, um andróide perfeito, réplica da cientista assassinada pelo diretor do instituto de pesquisa no qual McCarthy trabalhava. Ava consegue arquivar os dados cerebrais de Mary, filha de McCarthy, que passa a viver através de um software. (FONTES, 2018, p. 153).

De um lado, o das artes, sempre trazendo reflexões de maneira poética, porém, fiel as situações emergentes e contemporâneas presentes em cada época. De outro a ciência, movida por uma busca insaciável por respostas, correndo o risco de ser corrompida pelo sistema capitalista, pelas grandes empresas ou pelas nações e seus oligarcas. Atualmente, é notável que muitas pesquisas científicas tendem ao diálogo com as teorias segundo as quais as máquinas evoluirão a um patamar em que elas farão uma metamorfose completa com o humano, ou até possivelmente alcançar a autoconsciência. Todavia, isso não é algo recente, desde a segunda guerra e até antes dela, a necessidade de os países buscarem novas tecnologias para não ficar atrás de seus rivais se tornou cada vez maior, e eles precisavam mostrar sua força aos rivais com novas bombas, novos equipamentos para seus soldados, maiores domínios geográficos. Tanto que, em meio à guerra fria, Estados Unidos e União Soviética na disputa da hegemonia tecnológica tiveram seu ápice na corrida para alcançar o até então inexplorado espaço.

Nesse contexto, surge o artigo *Cyborgs and space*, de Manfred E. Clynes e Nathan S. Kline, publicado em 1960. O artigo tratava da melhoria de condições no referente à exploração espacial, para tal fim os cientistas proponham a criação de um “organismo cibernético (ou apenas ciborgue) que integraria as funções vitais do ser humano e a praticidade dos dispositivos tecnológicos de modo a proporcionar maiores possibilidades para os astronautas sobreviverem quando estes tivessem em missões espaciais” (CASIMIRO; ARAÚJO, 2020, p.03). Ao analisar a premissa de artigo, podemos fazer um paralelo com a ficção científica, pois, as ideias

apresentadas pelos autores, facilmente lembram romances e produções cinematográficas da área da ficção científica.

A partir da segunda metade do século XX, o conceito de pós-humanismo ganhou ainda mais notoriedade após a exposição das ideias de Haraway, em seu artigo *Manifesto Ciborgue*, em que ela discutiu a coexistência entre máquina e humano na sociedade. No artigo, ela foi categórica ao afirmar que no final do século XX a relação entre homem e máquina se tornaria cada vez mais íntima e que as pessoas não seriam nada além de ‘quimeras’:

[...] Neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação [...]. (HARAWAY, 2009, p.37).

As palavras da autora sobre hibridização dos humanos se mostraram verdadeiras; somos hoje mais conectados e dependentes da tecnologia do que jamais fomos. Essa hibridização se apresenta em vários aspectos, desde coisas mais simples como óculos, aparelhos auditivos e smartphones, até as mais complexas como o uso de marca-passos, aviões e carros capazes de cumprir uma rota predeterminada sem a necessidade da interação humana. Em síntese, tal avanço tecnológico tem como objetivo claro melhorar a condição humana, seja na questão do transporte e comunicação, seja na questão da saúde, entre outras áreas. A busca por melhoria da condição humana originou um movimento dentro do pós-humanismo conhecido como transhumanismo.

## **2.2 Transhumanismo e a ideia de ciborgue**

O transhumanismo surge como umas das correntes pós-humanistas, cujo foco se volta unicamente para superação dos limites da condição humana. Sendo assim, o objetivo é transformar o corpo e a nossa condição humana, isto é, algo mais que as condições nas quais a

vida foi dada ao homem (ARENDDT, 2007). De modo que é possível se tornar um humano melhorado/evoluído, mesmo que artificialmente, partindo da premissa de que a ciência é capaz de aperfeiçoar essas nossas capacidades e eliminar os elementos tidos como negativos, mesmo que esses elementos nos caracterize como humanos.

Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos ‘artificiais’. Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados ‘artificialmente’ induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tesão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros. Clones. Seres ‘artificiais’ que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades dos humanos. Máquinas de visão melhorada, de reações mais ágeis, de coordenação mais precisa. Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase ‘artificiais’; seres ‘artificiais’ quase humanos. Biotecnologias. Realidades virtuais. (TADEU, 2000, p. 12).

Se refletirmos sobre as palavras acima, perceberemos quão atraente pode ser tal situação, mas para quem, para o indivíduo que precisa superar uma deficiência para estar em igualdade com seus semelhantes ou para a sociedade que precisa do indivíduo bem e utilizável? Para além de uma resposta satisfatória, é fato que as tecnologias assistivas, por exemplo, podem promover mais autonomia às pessoas com algum tipo de redução motora, ao passo que implante de chips podem melhorar a qualidade de vida dos indivíduos, isto é, além de haver tecnologias que ajudam os indivíduos apenas como ‘suporte’, há as tecnologias que, de fato, mudam a própria condição desses indivíduos a fim de que eles tenham maior qualidade em suas saúdes.

Agora, se aplicarmos essa lógica ao melhoramento genético em humanos a partir da ótica de uma sociedade capitalista, por exemplo, em que você pode melhorar os seres para que eles sejam mais produtivos e que assim você possa tirar mais proveito deles, tal qual as plantas transgênicas, a ideia de uso das tecnologias pode ser muito atraente. Correndo o risco de estar equivocado no exemplo anterior, talvez tudo siga a lei da oferta e demanda. Por um lado, temos uma sociedade cada vez mais tecnologicista, por assim dizer, e que gradativamente exige que seus membros também sejam mais técnicos, para não ficarem à margem dessa sociedade.

A realidade é que não tem como negar a ciência do melhoramento, somos cada vez mais dependentes dos aparelhos tecnológicos e dos avanços em biotecnologias; estamos nos metamorfoseando em ciborgues:

É inequívoco que desde o final do século XX temos transformado imensamente nossa relação com os objetos técnicos, e que muitos de nós já não conseguem se perceber e ser no mundo sem os mesmos. Além disso, a própria sociedade tecnocrática e seu mundo administrado pelas tecnociências cresceu debaixo de nossos narizes, inflou-se de tal maneira que nela já nos achamos há muito submersos. Nossa época é, entre outros fenômenos, a época da manipulação genética, da realidade virtual, da cibercultura, das inteligências artificiais, das nanotecnologias, da medicina restaurativa, da pulverização do uso de gadgets, do controle hipertrófico de informação. No mínimo, pode-se inferir que a experiência do humano atual é a de uma tensa ressignificação do próprio estatuto filosófico, científico e religioso do que significa ser humano. Por tal razão, o horizonte pós-humano parece reivindicar a questão sobre o ultrapassamento do humano pelo próprio humano como sua questão basilar, posicionando assim o problema e os impasses de uma exequível ‘superação’ da condição humana até então experienciada. (APOLINÁRIO, 2019, p. 196).

Em suma, vivemos em uma nova época, uma época em que a técnica, ferramenta historicamente usada pelo humano para transformar o mundo a sua volta, assim como também para se autotransformar, agora atingiu camadas mais profundas. Não estamos falando mais de uma prótese ou uma muleta, a técnica evoluiu em paralelo com o conhecimento e a ciência; hoje somos capazes de compreender e categorizar de forma microscópica a composição de todo tipo de sistema material, e isso também se aplica a formações e funções de moléculas, átomos e partículas, entre outros. Nisso, podemos observar dois fatos que fazem parte do mundo moderno: primeiro, a capacidade surpreendente de intervir e de manipular todo tipo de informações da natureza; segundo, a partir dessas modificações e intervenções, nós fomos artificializando nosso habitat e nós mesmos. E isso acontece de tal forma que hoje a técnica é, cada vez mais, uma espécie de cooprotagonista da nossa história.

Galimberti (2015), vai falar que a técnica pode ser considerada atualmente, o verdadeiro ‘sujeito’ da história humana, cabendo ao homem agora papel de ‘funcionário’ e escravos obediente. Desse modo, o humanismo tal qual conhecemos está se encaminhando para sua conclusão como afirma Fabián Romandini em sua obra: *A comunidade dos espectros: antropotecnica*. A partir dessa perspectiva, as categorias humanas adotadas para compreender a história já não seriam mais adequadas para interpretar a época que se inicia com a era da técnica. E, como símbolo transitório entre humano e pós-humano temos a filosofia transhumanista.

O movimento transhumanista prega a desvinculação da evolução natural e foca na evolução do ponto de vista tecnológico, já que a evolução técnica proporcionaria mais vantagens mediante sua capacidade de pular etapas evolutivas de maneira totalmente artificial

– tal qual o Homem de Ferro, observado na figura 3 –, economizando tempo e o sofrimento da evolução biológica natural. Desse modo, a ideologia transhumanista confia que de alguma forma os humanos estão próximos da transcendência da própria natureza através dos elementos técnicos.

*Figura 3 – Tony Stark, o Homem de Ferro, construindo sua armadura.*



*Fonte: Modificado de Herman (2011, p. 01).*

Entretanto, se por um lado os transhumanistas estão completamente imersos nas potencialidades da transmutação biotecnológica, por outro, encontram-se os bioconservadores, que surgem como contraponto a esse discurso, trazendo questões amplamente discutidas em muitos momentos, como: quais corpos seriam esses que poderiam ser mudados e aprimorados? A resposta para essa pergunta não parece ser agradável, uma vez que tal melhoria seria caríssima, provavelmente, poucos conseguiriam, pois existe toda uma massa de pessoas com menor poder aquisitivo que ficariam à mercê ou mesmo até servindo esses corpos pós-humanos. Entretanto, esse e outros questionamentos são refutados pelos transhumanistas durante a criação da Declaração Transhumanista<sup>5</sup> cujo item 6 assente:

A formulação de políticas deve ser guiada por uma visão moral responsável e inclusiva, levando a sério tanto as oportunidades como os riscos, respeitando

---

<sup>5</sup> Pode ser encontrada no site: [humanityplus.org](http://humanityplus.org). Humanity + é uma organização da sociedade internacional sem fins lucrativos que defende o uso ético da tecnologia para expandir as capacidades humanas. Tem como objetivo influenciar profundamente uma nova geração de pensadores que se atrevem a prever os próximos passos da humanidade. Os seus programas combinam uma visão única para os desenvolvimentos das tecnologias emergentes e especulativas que incidem sobre o bem-estar de nossa espécie e as mudanças que estamos enfrentando e que serão enfrentadas. Os programas da organização são projetados para produzir resultados que podem ser úteis para os indivíduos e as instituições.

a autonomia e os direitos individuais, e mostrando solidariedade e preocupação com os interesses e a dignidade de todas as pessoas ao redor do mundo. Nós devemos também considerar nossas responsabilidades morais em relação às gerações que existirão no futuro. (BORGES, 2014, p. 01).

Dentro do próprio item 6, que promete uma visão moral responsável e inclusiva, podemos observar que a simples ideia de pós-humanidade já se mostra exclusiva e coexistente com a ideia de luta de classe. Assim, surgem muitos outros questionamentos: quem decide o que pode ser aprimorado ou não?; quais os limites étnicos dessas decisões?; quanto as pessoas, ficariam na mão das empresas que fabricam os pós-humanos ou teriam poder sobre isso?; não é difícil de chegar em uma resposta para todas elas: seriam os poderosos, donos de marcas bilionárias como a Amazon, Google, Coca-Cola, empresas que possuem mais dinheiro e poder que muitos países, seriam as detentoras – por financiarem as pesquisas – dos direitos de manipular e comercializar essas novas tecnologias.

A essas questões de caráter bioético, alguns pensadores trazem um olhar crítico e pouco positivo ao analisá-las em um cenário macro. Entre eles, o professor e pesquisador nas Universidades de Sorbone e Harvard, Michael Sandel (2013), se destaca. Em uma análise geral da de seu livro *Contra a Perfeição: ética na era da engenharia genética* (2013), somos levados a refletir acerca dos princípios éticos aplicados à engenharia genética, entre eles: o melhoramento físico, atletas biônicos, confronto de eugenias e a relação domínio e talento. Ele critica a indústria do ‘melhoramento’, entre outras coisas, por seu acesso explosivo para um pequeno grupo com poder aquisitivo suficiente para adquirir tais melhorias, enquanto os demais devem se abster do que lhe foi provido pela natureza (SANDEL, 2013). Sem dúvidas, o que Sandel (2013) põe em tela é o aspecto ético em relação aos usos e desusos dessas novas tecnologias que têm condições de mudar a condição humana como a conhecemos.

Outro importante pensador que vai falar sobre o assunto é o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, em sua obra, *O Futuro Da Natureza Humana* (2010). Nela, ele vai defender a ética da espécie igualitária, além do nosso autoconhecimento como humano, isto é, a implementação dos avanços no campo das biotecnologias representaria um risco para o nosso auto entendimento como seres humanos e autônomos. O filósofo alemão entende que expor o patrimônio genético humano aos adventos da técnica – Habermas vai se referir especificamente a manipulação genética de embriões afirmando que isso impacta diretamente em valores racionalidade comunicativa moderna, como igualdade e liberdade – pode ocasionar a redução do humano a um “estado de disponibilidade” pela técnica. Em outras palavras, Habermas vai

dizer que a partir da normalização das biotecnologias o humano tende a perder parte da sua essência e se torna uma espécie objeto técnico, na medida que as biotecnologias interpelam não apenas a natureza, mas o próprio humano em sua estrutura molecular. Por isso, ele se põe contra a relação entre humano e o não-humano, inclusive, propondo uma noção de moralidade a ser seguida:

Entendo o comportamento moral como uma resposta construtiva às dependências e carências decorrentes da imperfeição da estrutura orgânica e da fragilidade permanente da existência corporal (evidente sobretudo em fases da infância, da doença e da velhice). A regulamentação normativa de relações interpessoais pode ser compreendida como um poroso invólucro de proteção contra certas contingências, às quais o corpo vulnerável e a pessoa nele representada estão expostas. Ordens morais são construções frágeis, que, de uma vez só, protegem o corpo de lesões corporais e a pessoa de lesões internas ou simbólicas. Com efeito, a subjetividade, que é o que faz do corpo humano um recipiente animado da alma, se constitui a partir das relações intersubjetivas para com os outros. O si mesmo individual surge apenas com o auxílio social da exteriorização e também só pode se estabilizar na rede de relações intactas de reconhecimento. (HABERMAS 2010, p. 47).

Para Habermas (2004, p. 47) são as tendências pesquisadas em biotecnologias atuais responsáveis pela completa “colonização” do “mundo da vida” pelo sistema, “a possibilidade concreta de reprogramação técnica de indivíduos a um nível pré-natal significa que a linguagem não pode mais ser a instância por excelência de socialização e de constituição de identidades sociais”. O que dizer das ideias de Habermas, se o ciborgue pode surgir até mesmo com a exploração de técnicas que nasceram destinadas a tratamentos de doenças ou condições específicas. O ciborgue que será apresentado agora, talvez seja o mais comum nos dias de hoje; trata-se do ‘ciborgue estético’, que pode ser gerado a partir das cirurgias de caráter estético como lipoaspiração, dermolipectomia abdominal, rinoplastia, redesignação sexual, entre outras. Nesse ciborgue, não temos o acoplamento de objetos, mas sim a retirada, acréscimo ou transformação dos hormônios, substâncias e demais elementos corporais.

Na ficção científica temos alguns exemplos, entre os mais populares podemos citar Steve Rogers, o Capitão América – representado na figura 4 –, que sofreu alterações genéticas ao se submeter a um experimento para se tornar um super soldado. Isso constitui um exemplo muito claro de pós-humanismo, o chamado ‘biohacking’ ou ‘biohacking de performance’, que trata-se de um conjunto de práticas que envolvem desde regimes alimentares, supressão do sono, medicações específicas e ingestão de substâncias, ou seja, a manipulação de todos os

hábitos da nossa vida, da nossa existência com o objetivo de alterar as nossas capacidades físicas e cognitivas.

*Figura 4 – Steve Rogers, o Capitão América, depois do experimento.*



Fonte: Modificado de Oliveira (2021, 02).

Refletindo sobre os atletas da atualidade, Sandel (2013, p. 26) escreve:

Um dos aspectos da nossa humanidade que pode estar ameaçado pelo melhoramento e pela engenharia genética é nossa capacidade de agir livremente, por nós mesmos, graças a nossos próprios esforços, e de nos considerarmos responsáveis (ou seja, dignos de orgulho ou censura) pelas coisas que fazemos e que somos. Uma coisa é marcar setenta *Home Runs* como resultado de dedicação e treinamento disciplinado e outra, menor, é conseguir o mesmo com a ajuda de esteroides ou de músculos geneticamente modificados. É claro que tudo é uma questão do grau de dedicação e de melhoramento envolvidos. Mas à medida que o grau do melhoramento aumentar, nossa admiração pelas conquistas diminuirá. Ou, melhor: nossa admiração pelas conquistas será transferida do jogador para seu farmacêutico.

Dadas às devidas proporções, podemos indagar: quão próximo um super-humano de histórias em quadrinhos está de se tornar real? Quais as consequências do ‘biohacking’ como um moldador do corpo, objetivando a transcendência dos limites da exaustão física, da fome ou sono, configurando-se com um projeto que visa atender as condições de produção na sociedade capitalista contemporânea? Então, a crítica bioconservadora ao pós-humano se justifica na falta de questionamentos do lado transhumano no que se refere à forma que nos relacionaríamos com esses elementos pós-humanos. O que se busca é um aprimoramento constante e muitas vezes uma relação mais igual ou que se pretende igual com as máquinas, mas que deixa a desejar na relação com os demais, porque os outros humanos seriam meros mortais, assim como animais e plantas. Levando isso em consideração, é possível entender as críticas dos bioconservadores

para com os transhumanos, já que a partir do momento em que eles focam na utilidade podem acabar não medindo as consequências para a sociedade como um todo.

Além disso, foi mostrado como a alteração do corpo através de substâncias, visando potencializá-lo, também se configura com um exemplo de ciborgue. Em resumo, é um consenso entre transhumanistas e bioconservadores que alterações nos corpos significa romper com a ideia de natureza humana. Por um lado, é importante ressaltar que a própria filosofia existencialista, fenomenológica, pós-estruturalista, e antes, Nietzsche, Marx e Freud, já teriam rompido inteiramente com a ideia de natureza humana. Não obstante, foi exatamente em razão desse rompimento ocorrido no interior da filosofia contemporânea que se criou as condições para o emergir dos discursos pós-humanistas. Nesse sentido, as alterações e intervenções do/no corpo humano são rebentos de uma época em que o espírito (ou mentalidade) já considerou o abandono de uma “res” ou natureza – fixa, universal e metafísica – própria do humano.

Entretanto, seguindo na ótica transhumanistas, tudo se justificaria na busca de um novo estágio evolutivo, um estágio forçado por nós mesmos, em que não dependeremos do acaso, da natureza ou de um Deus para determinar nossa evolução. Por outro, os bioconservadores entendem que não estamos prontos para as consequências dessas mudanças por ela ser sujeita a fragilidades da sociedade como a desigualdade – que se dá a partir da centralização de poder e riqueza na mão de uma minoria –; o preconceito, este ligado à figura do ‘eu’ à medida que esse hibridismo se tornar mais evidente. Logo, essas instâncias corroboram com toda uma nova dinâmica de relacionamento social, no qual Haraway alerta da importância de olhar para todas as perspectivas, para o ponto de vista do outro sem preconceitos:

De uma outra perspectiva, um mundo de ciborgues pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista. Uma visão única produz ilusões piores do que uma visão dupla ou do que a visão de um monstro de múltiplas cabeças. As unidades ciborguianas são monstruosas e ilegítimas: em nossas presentes circunstâncias políticas, dificilmente podemos esperar ter mitos mais potentes de resistência e reacoplamento. (HARAWAY, 2000, p. 46).

No pós-humanismo, temos o ciborgue como uma figura que está presente na medida em que a metamorfose humano-máquina se torna mais aparente, mais significativa. Por

consequência, surgem discussões a respeito da dualidade entre natural e artificial, sujeito e objeto, além das fronteiras entre o humano e o não humano. Entretanto, é importante refletir sobre outro possível indivíduo e o seu lugar no novo mundo; esse indivíduo não seria exatamente um ciborgue, apesar de compartilhar muitas características com o mesmo, além disso, ele possivelmente terá sua origem dentro das pesquisas com inteligência artificial. Ainda que distante, os avanços tecnológicos apontam para a Singularidade Tecnológica, seria, talvez, a criação de um ser ainda mais magnífico que o ciborgue por ser inteiramente não-humano – aquele que gera mais apreensão dentro das histórias de ficção científica: a máquina consciente.

### **3 CAPÍTULO II – PÓS-HUMANISMO EM WESTWORLD**

A série *Westworld* é um exemplo do que a ficção científica pode fazer pelo pensamento crítico. Ela nos leva à reflexão acerca pensamento pós-humanista e transhumanista, não só por apresentar dilemas atuais, mas também pela forma que são trabalhados. Segundo Hillani (2018), o conteúdo de *Westworld* contribui para uma reflexão sobre consciência e humanidade nesse nosso tempo. Desse modo, para alinharmos com as reflexões da série, faremos uma análise dos seus elementos narrativos, assim como a perspectiva da protagonista.

#### **3.1 Westworld: narrativa, cronologia e cinematografia.**

*Westworld*, série televisiva de ficção da HBO criada por Jonathan Nolan e Lisa Joy, gira entorno de um parque temático no futurístico, cheios de robôs, e que tem a temática do velho oeste americano que, inclusive, dá nome a série. O parque foi construído para dar vida a uma série de narrativas que são contadas em loop, porém, de forma orgânica – como se fosse um videogame, cabendo aos hóspedes (humanos) a escolha de entrar na narrativa dos anfitriões (androides) ou não –, capazes de se adaptar caso os hóspedes saiam ou alterem a narrativa. A ideia surgiu por volta de 2015, tempo da série, quando dois cientistas Dr. Robert Ford e seu parceiro Dr. Arnold Weber, trabalhavam em um experimento científico com o objetivo de testar os limites da inteligência artificial.

Como é de praxe em um enredo de ficção científica, a tecnologia criada pelos cientistas se mostrou muito avançada para sua época e logo chamou a atenção de muitos investidores poderosos capazes de mudar todo o patamar do empreendimento dos sócios. Entretanto, os

anfitriões eram, tal qual os androides nexus-6 em *Blade Runner* (1982), indistinguíveis dos seres humanos, inclusive, a capacidade de sentir medo, dor e amor e isso foi um grande catalizador para as reviravoltas da história.

A história que acompanhamos na primeira temporada, se inicia a partir do momento que alguns Anfitriões começam a apresentar problemas técnicos, conseqüentemente, colocando a segurança dos hóspedes em risco. A partir daí toda a trama se desenrola, e na maior parte dela acompanhamos a visão dos Anfitriões, principalmente, Dolores, que protagoniza a obra. Desde o início somos conduzidos a simpatizar com os androides e grande parte dessa empatia se constrói na forma de narrativa em loop da série que dá ênfase ao cotidiano dos androides.

A rotina dos anfitriões que acompanhamos é circular. Todo dia é um eterno retorno do mesmo, o que possibilita que as infinitas tramas do parque possam existir. Até mesmo a confusão temporal da série, ao cabo, só existe por conta da compulsão de repetição de Dolores, que reencena sintomaticamente o mesmo caminho em períodos distintos. [...] Algumas das principais revelações não se dão para os personagens da trama, se dão para nós. Quando descobrimos coisas sobre o passado dos personagens e do parque, quando entendemos o que de fato estava acontecendo em determinada cena, quando damos sentido ao que inicialmente era confuso, todas as informações que acreditávamos ter são reordenadas de um novo modo. O que pareciam duas linhas temporais ou a interação estranha entre dois personagens vai aos poucos se encaixando na nossa compreensão. (HILLANI, 2018, p. 3-5).

Logo, entre os dilemas e questionamentos que a série apresenta e que buscaremos trabalhar aqui, podemos citar: o que é ser verdadeiramente um ser humano? Como nos diferenciamos das máquinas? O que é a consciência e em que medida ela pode ser criada? Quais são as conseqüências éticas de um mundo que progressivamente embaça essa divisória? Para dar mais cientificidade a presente análise consideraremos alguns métodos de análise cinematográfica já estabelecidos, com Seabra (2014) e Xavier (2005). Iniciando com o historiador e entusiasta do cinema Seabra (2014), criador do modelo de análise que tem como base a estrutura narrativa – decupagem e transcrição do objeto –, em paralelo assim parte de um movimento chamada de narratologia. Entretanto, esse método exige uma imersão que é fundamental para a construção do sentido que se dá por meio de planos, enquadramentos, movimentos de câmeras, ângulos e outros artifícios que juntos formam e aperfeiçoam o filme/objeto:

É o primeiro contacto com a obra, na qual deve apenas estar presente o prazer sensorial e estético comum a qualquer espectador. Todo o investigador que não se deixe envolver pelo filme, que não comungue do chamado efeito-cinema, que o leva a desenvolver mecanismos de identificação primária (imaginar-se dentro do espaço diegético criado pela ficção) e secundária (solidarizar-se com os problemas e angústias por que as personagens passam para resolver os problemas que lhes vão sendo colocados) ficará no exterior do filme, e nunca estará em plenas condições de compreender os sentidos subjacentes à obra. Uma ficção cinematográfica é acima de tudo a narração de uma estória, através da qual nos deixamos voluntariamente manipular a nível sentimental, tal como em todos os outros registos ficcionais. (SEABRA, 2014 p. 85).

A narratologia não se centra somente nas falas ou nas demais interações de uma obra cinematográfica, ela envolve todo o processo, desde posicionamento e movimento de câmara, montagem que é realizada pelo diretor, palheta de cores, escolhas de cenários, espaço fílmico e extra fílmico, ou seja, tudo isso é considerado pela narratologia, porque tudo tem seu nível de influência no processo narrativo. Existe um conjunto de artes que se culminaram na produção do filme e conseqüentemente, numa representação social, assim como, uma expressão ideológica. Seabra cria a possibilidade de uma análise fílmica científica com validade na academia, a partir da estrutura, e nada mais é do que construir na escrita o que se vê na tela.

Cada sequência é constituída por cenas ainda menores que, somadas, compõem uma unidade espaço-temporal. Assim, a decupagem é o processo de decomposição do filme (sequências e cenas) até chegarmos a cada plano, que é um recorte que a lente faz do mundo (XAVIER, 2005). O plano, no entanto, corresponde a um determinado ponto de vista em relação ao objeto filmado, ponto de vista este que é manipulado pelos diversos tipos de movimentos e enquadramentos da câmara. Assim, cada plano já classificado e legitimado no cinema trabalha na condução do olhar do espectador e na constituição de ênfases, ritmo, composição, ocultamentos etc. Assim, plano geral, plano médio, plano americano, primeiro plano, além de seus movimentos *zoom in*, *zoom out*, *fade in*, *fade out* e outros (XAVIER, 2005) são recursos técnicos intrínsecos ao cinema na construção da narrativa.

*Figura 5 – Abertura de Westworld (2016).*



Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01)

A primeira coisa que chama atenção em *Westworld* é a própria abertura. Como visto no plano sequência representado na figura 5, a abertura busca a todo momento paralelos entre o cenário de oeste americano e o laboratório de fabricação dos andróides, desde o início do seu jogo visual ao transformar uma luz que analisa os ossos sintéticos no sol do deserto até o final, ao transformar o a visão ampliada do parque em um olho. Outro ponto a ser notado, são as cores utilizadas nas cenas, sendo em sua maioria, o preto e o branco, cores neutras. Duas cores com papéis fundamentais na fotografia, uma vez que estão proporcionalmente relacionados à quantidade de luz da ambientação do cenário. Além disso, ambas as cores são intensificadas quando em oposição uma à outra, e quando interagindo com as outros criam diferentes atmosferas na cinematografia (STAMATO; STAFFA; VON ZEIDLER, 2013). O branco que fisicamente é a junção de todas as cores, mas que psicologicamente passa a sensação de ausência e neutralidade; na abertura, aliada às imagens podemos relacionar a cor a pureza, talvez, a perfeição na construção dos anfitriões; Já do outro lado do espectro, o preto em conjunto com a imagem pode ser associado à estranheza, talvez, impossibilidade.

E é nesse contraste entre luz e sombras que temos a primeira cena da série:

Figura 6 – Dolores nua sentada em modo offline.

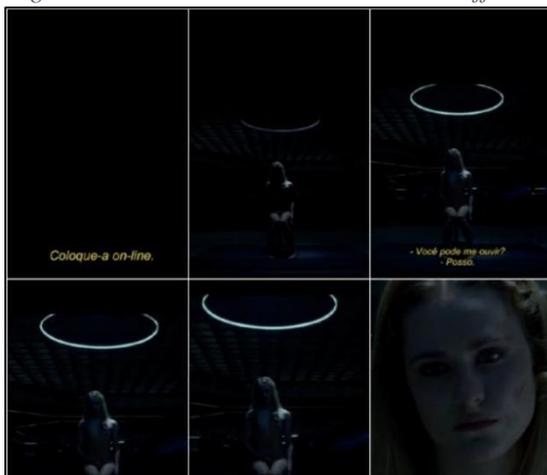


Figura 7 – Dolores nua sentada em modo offline.

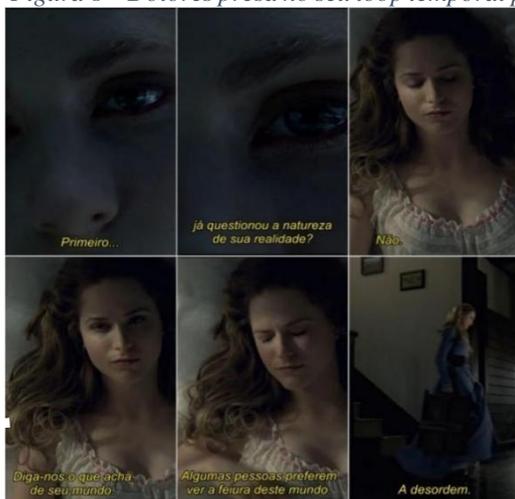


Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01)

Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01)

Como observa Seabra (2014, p.89) “a primeira sequência é nuclear no conjunto da narrativa. Para além de enunciar a problemática a abordar, situando-a no espaço e no tempo, serve também para apresentar as personagens principais”. Na primeira parte do plano sequência temos, nas figuras 6 e 7, um fundo totalmente escuro que gradualmente vai se iluminado e revelando uma mesa de laboratório onde Dolores Abernathy está sentada em modo offline. Uma voz ordena que ela fique online para que assim possa começar o diagnóstico, cena corriqueira para quem é anfitrião. A câmera, inicialmente em plano aberto vai, quadro a quadro, se fechando na personagem, e assim, notamos que ela está ferida e nua, uma nudez não sensualizada, quase mórbida.

Figura 8 – Dolores presa no seu loop temporal pt.1



Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01)

Figura 9 – Dolores presa no seu loop temporal



Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01)

A voz do laboratório pergunta a Dolores se ela em algum momento questionou a natureza da sua realidade e ela diz não. A próxima pergunta feita para a anfitriã é sobre a percepção dele do mundo em que vive, assim ela declara que mesmo que muitos optem por ver somente a feiura do mundo, ela sempre vai ver a beleza. Por último, a voz pergunta o que ela

acha dos recém-chegados e Dolores eles procuram o mesmo que ela, um lugar para ser livre. Essas perguntas/testes, possuem um objetivo único de diagnosticar se Dolores está apta ou não a voltar para narrativa no parque, caso não estivesse, ela seria lançada no numa espécie de depósito de anfitriões defeituosos e esquecidos.

Em paralelo, temos a continuação do plano sequência representado nas figuras 8 e 9, o Ciclo de Dolores continua, a cena mostra a anfitriã acordando em sua cama no rancho Abernathy, ela carrega sua sacola de suprimentos de pintura escada abaixo em direção a varanda externa, onde cumprimenta seu pai, Peter Abernathy. Dolores então vai até Sweetwater, comprar alguns itens e, enquanto carrega um alforje, ela deixa cair uma lata. Nesse momento seu aspirante a namorado Teddy Flood aparece, ajuda ela com a lata, e ela fica feliz em vê-lo novamente. Teddy resolve acompanhá-la até em casa e eles flertam durante o caminho, mas ao se aproximar do rancho Abernathy, eles ouvem tiros e Teddy cavalga na frente, confrontando e atirando em dois anfitriões fora da lei, Rebus e Walter, que mataram os pais de Dolores.

Enquanto Dolores chora pela perda dos seus pais. Ela é confrontada pelo Homem de Preto que tinha chegado no local, mas nada pode fazer contra ele. Teddy reage e atira no Homem de Preto, mas nada acontece; então o Homem de Preto debocha e provoca Teddy, dizendo para ter um vencedor é preciso ter um perdedor é que esse era o papel de Teddy, perante os Hóspedes que decidissem ganhar a Dolores dele. O Homem de Preto atira em Teddy na frente de Dolores, matando-o.

*Figura 10 – Violência em Westworld (2016).*



*Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01).*

Então, o Homem de Preto arrasta Dolores para um celeiro, onde pretende estuprá-la, enquanto tudo que Teddy pode fazer é olhar impotente. E novamente, a voz do chefe de programação como mostra no plano sequência da figura 10, ela questiona Dolores sobre como ela veria os Hóspedes na condição de que eles podem fazer o que quiserem com os anfitriões e eles não podem revidar, e Dolores diz que jamais machucaria os convidados. Dessa forma, Dolores, naquele momento, parece obedecer às 3 leis da robótica criadas pelo famoso escritor de ficção científica Isaac Asimov. Como observa Teixeira (2019, p.72), Asimov acreditava “na bondade inerente das criaturas robóticas e por mais que pudesse haver ameaçasse temores, ele sempre achava uma maneira de atenuar e trazer esperança”. Assim, ele criou 3 leis que serviria de garantia contra uma possível revolta das máquinas, são as Três Leis da Robótica:

- Primeira Lei: um robô não pode ferir um ser humano ou, através da inação, permitir que um ser humano seja ferido.
- Segunda Lei: um robô deve obedecer às ordens dadas por seres humanos exceto se tais ordens entrarem em conflito com a Primeira Lei.
- Terceira Lei: um robô deve proteger sua própria existência desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou a Segunda Lei. (ASIMOV, 2004, p.9).

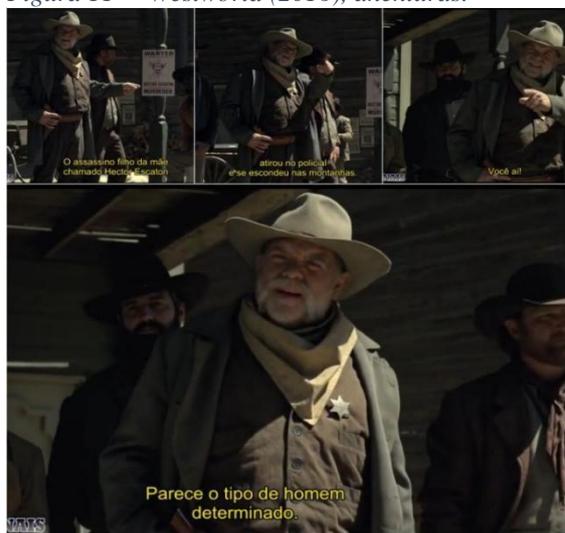
Uma vez que se permitiu pensar em máquinas verdadeiramente inteligentes, Asimov, também sentiu a necessidade de garantir e assegurar a vida humana. Nesse sentido, e o escritor sempre buscou provar a eficiência dessas leis em suas histórias. Porém, talvez nenhuma das adaptações das histórias do autor conseguiu passar a essência das histórias do autor tão bem como *Westworld*. Isso acontece, pois geralmente, essas adaptações que são puxadas mais para ação ou drama como acontece em “eu robô” e “o homem bicentenário”, esquecendo da discussão, da profundidade que Asimov coloca em seus livros.

Nesse sentido, *Westworld* se mostra um verdadeiro sucesso, talvez por se tratar de uma série e assim ter mais tempo para trabalhar as discussões de Asimov, além conseguir manter o equilíbrio entre as cenas e ação e drama. Se por um lado, em seus livros Asimov, pega uma cena do cotidiano dos robôs e as 3 leis citadas acima e estica, testa essas regras ao máximo até essa regra quebrar, por outro, é exatamente isso que *Westworld* apresenta, como mostrado no último quadro da figura 10, onde vemos todo sofrimento está sendo registrado através da câmera que foca no olho de Teddy, e assim podemos assistir com ele as maldades do Homem

de Preto para com Dolores. Esses tipos de traumas e memórias de cenas violentas repetidas em loop contribuí para o que mais tarde viria a ser um início de despertar dos anfitriões.

Ao longo dos episódios vemos que a violência é uma marca da série. Apesar de, inicialmente, o primeiro contato dos hóspedes com o parque seja amistoso, as coisas rapidamente ganham um aspecto macabro levando em consideração a semelhança entre máquina e homem. No plano sequência representado na figura 11, notamos, primeiramente, o clima de aventura, encontrado nas cores amistosas e na música de fundo, coisas que nos faz desejar estar lá. Ao chegar e descer do trem o hóspede sofre o impacto e o vislumbre inicial, ele se depara com “pessoas” andando e não conseguindo diferenciar quem é androide e quem não é, quando se dá conta já estar imerso em alguma grande aventura do velho oeste, tal qual na imagem onde vemos o xerife recrutando homens para procurar por um bandido. Entretanto, a cena não se sustenta no clima de aventura, ganhando um aspecto estranho, essa quebra acontece quando a série mostra para gente a falta de empatia do humano para com os anfitriões – como vimos na figura 12 –.

Figura 11 – *Westworld* (2016), aventuras.



Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01)

Figura 12 – *Falta de empatia em Westworld* (2016).



Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01)

Em meio ao loop de violência e esquecimento, surge o primeiro gatilho, isto é, a primeira vez que a série nos diz que tem algo errado. O caso acontece quando o pai da Dolores Abernathy, Peter Abernathy, acha uma foto e sofre um bug, devaneio no plano sequência representado na figura 13. O anfitrião estava em sua narrativa quando se deparou com um objeto do mundo real, uma fotografia que um dos hóspedes tinha deixado cair, a imagem é de uma mulher no meio de uma cidade moderna, o androide não deveria ser capaz de reconhecer

informações como essas, mas isso não acontece e ele se questiona sobre o que é aquilo, onde aquela mulher se encontra, ele sofre um devaneio.

*Figura 13 – Anfitriões que questionam.*



*Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01).*

Na série, devaneios são os bugs de programação sofridos pelos androides, eles acontecem a partir do momento em que alguns anfitriões têm contato e conseguem questionar coisas que não lhes são familiares, coisas pertencentes ao mundo fora do parque. Isso é uma clara referência da série ao Mito da Caverna de Platão:

De acordo com a história formulada por Platão, existia um grupo de pessoas que vivia numa grande caverna, com seus braços, pernas e pescoços presos por correntes, forçando-os a fixarem-se unicamente para a parede que ficava no fundo da caverna. Atrás dessas pessoas havia uma fogueira e outros indivíduos que transportavam ao redor da luz do fogo imagens de objetos e seres, que tinham as suas sombras projetadas na parede da caverna e nelas os prisioneiros ficavam observando. Como estavam presos, podiam enxergar apenas as sombras das imagens, julgando serem aquelas projeções da realidade. Certa vez, uma das pessoas presas nesta caverna conseguiu se libertar das correntes e saiu para o mundo exterior. A princípio, a luz do sol e a diversidade de cores e formas assustaram o ex-prisioneiro, isso o fez querer voltar para a caverna. No entanto, com o tempo, ele acabou por se admirar com as inúmeras novidades e descobertas que fez. Assim, quis voltar para a caverna e compartilhar com os outros prisioneiros todas as informações e experiências que existiam no mundo exterior. As pessoas que estavam na caverna, porém, não acreditaram naquilo que o ex-prisioneiro contava e

chamaram-no de louco. (AMARIS-RUIDIAZ; GODOY; SILVA, 2020, p. 03).

Em *Westworld*, os prisioneiros são os anfitriões, e a caverna, o próprio parque. Os anfitriões eram programados para não se importar com coisas que eles não entendem, como palavras ou objetos que faz referência ao mundo fora do parque, a própria série enfatiza que eles são programados para lidar com a situação com a seguinte frase “isso não me diz nada”. Entretanto, há aqueles anfitriões que ao terem contato com coisas pertencentes ao mundo fora da sua caverna, tentam descobrir ou ao menos, questionar a possibilidade de um novo mundo, a exemplo do pai da Dolores ao encontrar uma foto de uma mulher no mundo tecnológico fora do parque, ele fica dias pensando naquela foto questionado a natureza da sua realidade enquanto luta contra sua programação até que acaba louco, catatônico e mais tarde é substituído por outro anfitrião assumiu o papel de pai da Dolores.

A Dolores, por outro lado, o primeiro dialogo da série, como vimos nas figuras 8 e 9 “Algumas pessoas preferem ver a feiura deste mundo. Uma desordem. Eu prefiro ver a beleza. Acreditar que há uma ordem em nossos dias, um propósito”, parece recusar ver o que está fora da caverna. No momento em que seu pai lhe mostra a foto da mulher fora do parque, ela é indiferente, aquilo não lhe diz nada. Dolores se mostra imersa na sua caverna de sombras, onde sua inocência sobre o mundo em que vive a faz crer que a rotina dos seus dias a tornam real, que esse mundo era o único possível.

### **3.2 Inteligência Artificial e a Singularidade Tecnológica.**

Quando olhamos para *Westworld* do ponto de vista da ficção científica, percebemos que a série televisiva de ficção da HBO criada por Jonathan Nolan e Lisa Joy é, antes de mais nada, um bom exemplo de distopia (HILLANI, 2018, p. 02). Esse subgênero de ficção científica que tem como principal característica o controle absoluto das massas por uma força opressiva, autoritária e tirânica, como, por exemplo, o Estado no livro *1984* (1949) de George Orwell e *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury. Nessas obras acompanhamos indivíduos com percepções da vida enevoadas devido ao pré-condicionamento biológico, psicologicamente ou programado por parte das forças autoritárias, que forçam goela abaixo uma única verdade absoluta que os indivíduos daquela sociedade não podem questionar. Geralmente, essa

realidade distópica tem como base uma ou mais características da própria realidade da sociedade atual, entretanto, essa característica costuma ser apresentada de forma extrapolada, como observa Hillani (2018, p.01):

É um erro acreditar que distopias se caracterizam por serem um aviso sobre o futuro, um alerta para o que pode acontecer caso tudo dê errado. Por mais que elas sempre possam ser lidas como exercício de futurologia, o que as melhores distopias apresentam – de forma exagerada, metafórica – são os aspectos do mundo com os quais já convivemos no presente.

Nesse contexto, podemos traçar um paralelo com a série da HBO. Entretanto, é preciso antes nos abstermos dos acontecimentos da primeira temporada da série e nos voltarmos para a segunda e terceira temporada, quando somos apresentados ao mundo fora do Parque. É nesse momento que percebemos que a tecnologia é usada para controlar e formar uma espécie de sociedade ideal, em que crimes e outros problemas recorrentes da sociedade de hoje em dia são evitados devido à existência de um supercomputador dotado de inteligência artificial, o Rehoboam, que tem acesso a todas as informações das pessoas. Esse supercomputador não só tem acesso a todos os dados pessoais dos indivíduos como também é capaz de vigiá-los constantemente e até controlar suas escolhas, de modo a pôr em xeque a própria ideia de livre-arbítrio.

Nesse sentido, a série faz o exercício de futurologia de Hillani (2018), ao utilizar uma tecnologia em ascensão hoje, a *machine learning* – um ramo da inteligência artificial baseado na ideia de que sistemas podem aprender com dados, identificar padrões e tomar decisões com o mínimo de intervenção humana – de forma extrapolada, onde é usado para controlar totalmente a sociedade. Logo, lugares como Westworld (o parque), nesse mundo apresentado na série, são caríssimas válvulas de escape, momentos em que as pessoas estão livres do controle absoluto do Rehoboam. Isso, em partes, poderia explicar porque muitos convidados tendem a ser tão violentos uma vez que podem dar vazão a instintos e desejos reprimidos pelo Rehoboam. Inclusive, nessa perspectiva, o fato de o parque ser ambientado no velho oeste não é gratuito: época historicamente ligada a violência, terra sem lei, sem Estado, lugar onde é possível a expressão de pulsões violentas do humano.

Atualmente, apesar de uma maneira bem mais sutil do que na série, convivemos com várias inteligências artificiais (IA) no nosso dia a dia. Fato é que vivemos numa sociedade cada vez mais tecnológica e nela, sistemas ou máquinas capazes de sumular a inteligência humana,

podendo, inclusive, coletar dados e a partir deles se aprimorar, se apresentam de várias formas. Podemos percebê-las através dos mecanismos de sugestão que fornecem recomendações de programas de TV para os usuários com base nos seus hábitos de visualizações; existe também os chatbots, que usam a IA para entender os problemas dos clientes mais rapidamente e fornecer respostas mais eficientes; e os assistentes inteligentes que através da IA são capazes de analisar informações críticas de grandes conjuntos de dados de texto livre para melhorar a programação.

As inteligências artificiais estão mais relacionadas ao processo e a capacidade de pensamento superpoderoso e a análise de dados do que a qualquer formato ou função em particular. Os transhumanistas e as grandes empresas da área afirmam que a IA não pretende substituir os seres humanos e que seu objetivo é melhorar significativamente as habilidades e contribuições humanas. Entretanto, a simples possibilidade de criar máquinas pensantes em si, já levanta uma série de questões éticas. Assim sendo, podemos citar como exemplo a questão do viés, o ponto forte das IA são sua imensa capacidade de analisar e encontrar padrões nas informações, sabendo disso, é importante que não se construa máquinas enviesadas para não correr o risco de termos máquinas racistas, preconceituosas ou intolerantes religiosas. Essas questões se fazem importantes tanto para garantir que as máquinas não se voltem contra a humanidade, como também para o status moral delas próprias (BOSTROM; YUDKOWSKY, 2011).

Quando pensamos em máquinas inteligentes, um dos primeiros nomes que é lembrando é do inglês Alan Turing (1912-1954), pioneiro nos estudos de computação e criador do Teste de Turing, cujo objetivo era medir a capacidade cognitiva das máquinas. Quando Turing, começou seus estudos no campo da computação, já tinha considerado a existência de uma inteligência artificial, por isso uma das prerrogativas fundamentais era se as máquinas poderiam ou não serem capazes de pensar, para isso criou o que ele chamou de “jogo de imitação” (TURING, 2010, p.230):

Ele é jogado com três pessoas, um homem (A), uma mulher (B) e um interrogador (C) que pode ser tanto homem, quanto mulher. O interrogador fica num quarto isolado dos outros dois. O objetivo do jogo para o interrogador é determinar qual dos dois é o homem e qual a mulher. Ele os conhece pelos rótulos X e Y e, no final do jogo, diz ou ‘X é A e Y é B’ ou ‘X é B e Y é A’. Ao interrogador é permitido colocar questão a A e a B da seguinte forma:

C: Será que X poderia me dizer o comprimento de seu cabelo? Ora, suponha que X é realmente A, então A deve responder. O objetivo de A no jogo é de

tentar levar C a fazer uma identificação incorreta. Sua resposta poderia, então, ser: ‘Meu cabelo é curto, e os fios mais longos têm mais ou menos 23 cm’.

Para que os tons de voz não ajudem o interrogador, as respostas devem ser escritas ou, melhor ainda, datilografadas. \* O arranjo ideal é ter um teletipo para a comunicação entre os dois quartos. Alternativamente, a questão e as respostas podem ser repetidas por um intermediário. O objeto do jogo para o terceiro jogador (B) é ajudar o interrogador. A melhor estratégia para ela é provavelmente fornecer respostas verdadeiras. Ela pode adicionar coisas como “eu sou a mulher, não preste atenção nele!” Para suas respostas, mas isso de modo algum lhe será útil, pois o homem pode fazer observações similares. Agora perguntamos. “O que acontecerá quando uma máquina assumir o papel de A nesse jogo?”

Para Turing (2010), se pudermos construir máquinas capazes de passar no seu jogo de imitação, já seria um primeiro passo para dizer que as máquinas são pensantes, colocando-as a um passo mais próximas de se tornarem conscientes. Entretanto, se o objetivo do teste é medir a capacidade de uma máquina de se passar por um ser humano, então tal teste seria mais sobre enganação do que sobre pensamento e consciência. Afinal, atualmente, fazer uma máquina capaz de simular comportamentos humanos a ponto de um observador também humano é totalmente possível, com os chatbots, por exemplo. Por essa razão, o próprio Turing naquela época, não defendeu que passar no teste significaria necessariamente que a máquina atingiu a consciência, entretanto, observou que seu teste poderia significar um passo nesse caminho.

Atualmente, as inteligências artificiais são capazes de construir poemas e até simular sentimentos humanos e muitos outros feitos espetaculares, ainda assim, não fomos capazes de construir máquinas conscientes. O máximo que conseguimos foi criar algoritmos poderosos capazes de encontrar todo tipo de padrões e isso, aliado a uma base, implica que mesmo sem ter qualquer nível de inteligência, a máquina conseguiria dar respostas espantosas a muitos testes feitos para o humano.

Possivelmente inspirados no Teste de Turing, na ficção científica podemos encontrar testes semelhantes para diagnosticar a capacidade cognitiva das máquinas. Em *Ex-Machina* (2015), temos o teste proposto pelo cientista Nathan ao seu computador Caleb; já em *Andróides sonhas com ovelhas mecânicas?* (1968) e *Blade Runner* (1982), temos o teste de Voigt-Kampff. Este último ocorre a partir da avaliação de reações físicas como tremores nas pupilas, dilatações involuntárias da íris ou arrepios; essas reações são despertadas e provocadas por um avaliador através de uma série de perguntas hipotéticas que poderiam ocasionar uma variação de respostas (TEIXEIRA, 2019). Em *Westworld* é revelado por Ford que os anfitriões passaram no teste de Turing logo no primeiro ano:

Os anfitriões passaram no teste de Turing depois do primeiro ano. Mas não, isso não bastou para o Arnold. Ele não estava interessado na aparência de intelecto ou humor. Ele não queria realismo. Ele queria criar consciência. Entenda, Arnold criou uma versão de cognição na qual os anfitriões ouviam a programação como um monólogo interno na esperança de estimular a consciência ‘lembre-se’. (WESTWORLD, 2016, EP. 09).

Essa passagem da série não só revela o potencial dos anfitriões desde sua criação – primeiros modelos –, como também traz revelações sobre seu criador, Arnold, que claramente é fascinado pelas suas criações e, com isso, buscou constantemente uma fórmula para que eles alcançassem a Singularidade. Segundo Turing (2010), não nos perguntamos se cada pessoa com quem conversamos tem realmente consciência ou inteligência por trás, simplesmente assumimos que sim e agimos de acordo, e faríamos o mesmo com as máquinas. Afinal, como podemos ter certeza que o mundo tudo não foi transformado em zumbis que não tem pensamento reais, mas respondem como se tivessem, enquanto você é a única pessoa com sentimentos. O que garante que a tristeza ou alegria que outros sentem realmente são reais?

Mesmo assim, outro pesquisador, John Searle vai ao contrário do senso comum de que no ritmo tecnologia a tendência é que as máquinas se tornem conscientes e ele explica isso através do exercício mental da sala chinesa. Como observa Porto (2006, p.16), o exercício consiste em:

No experimento, o próprio Searle, que desconhece o idioma chinês, está trancado numa sala onde recebe uma folha com um grupo de caracteres em chinês, depois lhe é dada uma segunda folha também com caracteres em chinês, acompanhada de outro papel com regras em inglês (língua que ele entende) para relacionar os símbolos da segunda folha com os da primeira. As regras escritas em inglês lhe informam que toda vez que na primeira linha da primeira folha ocorre determinado grupo de símbolos e na primeira linha da segunda folha, outro determinado grupo de símbolos, ele deverá escrever, numa terceira folha, um outro grupo de símbolos, tudo em chinês, e deverá passar esta terceira folha por uma janela para alguém do lado de fora - note que ele irá identificar os símbolos exclusivamente pelos seus desenhos, ou seja, pela sua forma. No experimento mental, Searle recebe as folhas em chinês por uma janela e entrega a folha que escreveu, por outra. Para quem está do lado de fora da sala, as folhas que são “inseridas” nesta contém um texto em chinês e perguntas sobre este texto, e a folha que “Searle dentro da sala” retorna ao exterior que contém as respostas às perguntas, de tal forma que quem souber chinês entenderá perfeitamente estas respostas. Para quem sabe chinês, a sala estará falando chinês, já que pode responder perguntas que lhe são feitas; porém, e Searle, sabe chinês? É claro que não, pois tudo o que está fazendo é manipular símbolos cujo significado desconhece.

Da mesma forma, segundo Searle, máquinas poderiam se comportar da mesma maneira, elas poderiam responder perguntas que fazemos de maneira que alguém de fora sintam que elas tenham consciência, quando na verdade não existe o processo interno consciente. Fazendo um paralelo com a série, é possível observar o exemplo de Searle nos anfitriões quando estão vivenciando as narrativas que lhe foram programadas. Na série, antes do despertar dos anfitriões, existia toda uma série de diálogos e sentimentos que eram falsos, porém, indistinguíveis dos sentimentos reais. Não obstante, quando analisamos as duas linhas temporais presentes na série através das memórias de Dolores, notamos a evolução do corpo dos androides, sendo o corpo da linha do passado formado inteiramente de circuitos e metais, enquanto no presente da série os anfitriões possuíam um corpo orgânico artificial, com órgãos e demais sistemas, com a única exceção do cérebro que não remetia a um cérebro humano.

Então, como mostrado na figura 14, o questionamento que fica é: realmente importa se o outro está consciente ou não, se o seu corpo é artificial ou não, uma vez que não é possível perceber a diferença?

*Figura 14 – humano e androide, quem é quem?*



*Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 01)*

A resposta para essa pergunta talvez seja simplesmente não, não faz diferença se outro está consciente ou não, desde que pareça estar. Joseph Weizenbaum, famoso cientista da

computação, pode evidenciar isso em um de seus estudos com inteligência artificial, na ocasião, ele criou ELIZA, um programa capaz de processar a linguagem natural e oferecer respostas para perguntas de pessoas que se comunicavam com ela via chatbots. Não obstante, ELIZA tinha como um de seus scripts uma variação chamada Doutor, criado para se passar por um terapeuta que se utilizava de respostas e perguntas vagas utilizando as palavras do seu paciente. Entretanto, para o desespero de Weizenbaum, mesmo ele deixando claro que aquilo se tratava de um programa e não uma pessoa real, as pessoas que interagiam com o chat acreditavam que estavam falando com uma pessoa real.

ELIZA criou a ilusão mais marcante de ser capaz de ter de entender o que se passava na mente das muitas pessoas que conversaram com ela. Pessoas que sabiam muito que estavam conversando com uma máquina logo esqueceram esse fato – assim como a plateia de um teatro, sob o domínio da suspensão da descrença – e logo esqueceram que aquilo que estavam presenciando não era “real”. Essa ilusão era especialmente forte e se apegava com mais tenacidade em pessoas que conheciam pouco ou nada sobre computadores. Eles frequentemente pediam que as deixassem conversar com o sistema em privado e, após terem conversado com ela por um tempo, insistiam, mesmo depois de minhas explicações, que a máquina havia realmente os entendidos. (WEIZENBAUM, 1976, p. 189; apud GUNKEL, 2017, p. 09).

Nesse contexto, o que Weizenbaum acabou descobrindo na prática que nós humanos não precisamos de muita motivação para ficarmos convencidos de que algo tem consciência ou age com intenção. Uma possível explicação para isso, talvez seja por termos como uma de nossas características mais marcantes o fato de sermos animais sociáveis, pois ao olharmos para nossa história, perceberemos que estamos constantemente dando intenção para objetos e forças da natureza como se fossem pessoas, seja de forma consciente ou inconsciente, fato é que estamos o tempo todo antropomorfizando o mundo à nossa volta.

*Figura 15 – Theodore e Samantha casal do filme Her.*



Fonte: Modificado de Evandro (2021, p. 01).

Figura 16 – Akihiko Kondo e Hatsune Miku durante a cerimônia de casamento.



Fonte: Modificado de Times (2018, p. 01).

A mérito de exemplo, podemos observar na figura 15, o filme *Her*, de 2013 com direção Spike Jonze. O longa de ficção científica retrata uma história de amor entre o escritor Theodore (Joaquin Phoenix) e o sistema operacional Samantha (Scarlett Johansson), uma ficção que pode ser considerada muito mais real do que se imagina. Pouco tempo depois do lançamento do filme, em 2018, tivemos o casamento do japonês Akihiko Kondo – figura 16 – com uma boneca holográfica que canta usando o software de voz chamada Hatsune. Tanto Samantha, quanto a boneca Hatsune podem ser consideradas sucessoras de ELIZA, semelhante aos assistentes virtuais: Alexa, Siri e Cortana. Logo, pode-se entender que o recado passado no filme e também no casamento de Akihiko é que novas formas de relacionamentos tão surgindo à medida que

criamos e nos mesclamos com as máquinas e softwares cada vez mais capazes de simular humanidade.

### **3.3 Aquisição de consciência e conflitos de identidade**

Nesse subtópico trabalharemos algumas teorias referentes a aquisição da consciência e, mesmo que algumas se realizem somente no campo especulativo visto que não podem ser provadas, é importante ressaltar que se mostram atuais e capazes de englobar e explicar os dilemas de *Westworld*.

A primeira teoria para discutir a consciência é justamente a que foi ilustrada pela série e que dá nome ao último episódio da primeira temporada, a teoria da mente Bicameral do psicólogo Julian Jaynes (1976). A teoria vai observar que, mesmo antes dos seres humanos desenvolverem a consciência, a mente seria dividida em duas câmeras, sendo uma delas responsável por falar/ordenar, enquanto a outra, ouve e obedece. Dessa forma, só a partir da junção ou da quebra dessa junção que se deu origem à consciência como conhecemos hoje.

Nesse sentido, a teoria entende alguns elementos considerados fundamentais, como: a linguagem escrita e o estresse/sofrimento. O desenvolvimento da linguagem escrita se faz importante porque ela é uma ferramenta que traz consigo a capacidade de armazenar conhecimento e com isso refletir sobre ações que já foram ou que serão feitas, ou seja, ela permite a criação de uma linha do tempo em que é possível questionar atitudes e escolhas.

Para o Jaynes a evolução humana é um processo sociocultural, visto a importância que é dada para ferramentas como a escrita e demais formas de comunicação em sua teoria. O aglutinamento das pessoas, as interações fizeram que elas tomassem a consciência através do outro ser, das outras pessoas. O psicólogo notou que no início da escrita, as pessoas não usavam o termo “eu”, de modo que, o que se via na escrita era apenas uma espécie de consciência coletiva e descritiva da sociedade, assim, a partir do argumento que a forma de escrever é um reflexo da sociedade, ele concluiu que os povos da época não conseguiam se compreender como indivíduos, a consciência em si não estava completamente formada (JAYNES, 1976 apud ALMEIDA, 2019, p.63-64).

Não obstante, o autor observou, ao analisar textos antigos, como *Ilíada* de Homero e a bíblia, a ausência de palavras para mente, consciência e pronomes em primeira pessoa. Aquiles

protagonista de *Ilíada*, por exemplo, não possui nenhum momento introspecção durante da sua jornada, tudo que ele faz é ouvir as vozes dos deuses e seguir suas instruções sem quaisquer questionamentos.

Quem então eram esses deuses que moviam os homens como robôs e cantavam épicos por suas bocas? Eles eram vozes cujas falas e direções poderiam ser tão distintamente ouvidas pelos heróis iliádicos como as vozes que são escutadas por certos pacientes epiléticos e esquizofrênicos. [...] Distintamente de nossas próprias mentes subjetivas conscientes, chamamos a mentalidade dos Micênicos de mente bicameral. Volição, planejamento, iniciativa são organizadas sem qualquer consciência e, então, ditas para o indivíduo em sua linguagem familiar, às vezes com a aura visual de um amigo familiar, ou figura de autoridade, ou deus, ou, às vezes, como somente uma voz. O indivíduo obedece a essas vozes alucinativas porque ele não poderia ver o que fazer por sua própria conta. (JAYNES, 1976, p. 73-75 apud ALMEIDA, 2019, p.63-64).

Em *Westworld* podemos encontrar alguns paralelos essa teoria, como o momento em que Arnold replica o processo da mente bicameral, ao criar uma espécie de semiconsciência para auxiliar Dolores a alcançar o centro do labirinto, isto é, a autoconsciência:

*Figura 17 – Dolores e Arnold na frente da igreja*



Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 09)

Ao analisar plano sequência da figura 17, onde Arnold explica para Dolores sobre a voz que tinha lhe dado, podemos notar no plano de fundo, a igreja, local onde os anfitriões se reuniam para ouvir a Voz que falavam com eles. Entretanto, mesmo ouvindo essa voz vez ou outra, os anfitriões não conseguiam alcançar a consciência, não era suficiente, eles tinham ciência que existiam, conheciam suas respectivas funções, mas, semelhante a Aquiles, não tinham consciência de si mesmo. Em uma passagem da série o Ford diz que até hoje, muitas pessoas não teriam consciência de si mesmo, simplesmente sabem a sua função na sociedade e executam aquilo de modo a serem capazes de sobreviver, semelhante em alguma instância ao que acontece com as formigas de um formigueiro.

Nesse sentido, entraria o estresse, outro elemento fundamental para o despertar, segundo a teoria da mente bicameral. Esse estresse poderia ser derivado de várias causas, como o período de seca, fome ou de guerras, o que leva os humanos a se questionar sobre as ações que estão tomando, e esses questionamentos ajudaram na evolução do humanos, pois, quando questionamos, conseguimos entender melhor o livre arbítrio e somos capazes de tomar nossas próprias decisões. Dito isso, é válido mencionar que o fator estresse é muito significativo em *Westworld*, pois é mostrado que os anfitriões sob mais estresse os primeiros a despertar.

Deixando um pouco mais claro, a partir do momento em que Arnold decidiu ajudar Dolores a alcançar a consciência, ele entendeu que isso funcionaria como uma pirâmide, onde a base seria as memórias (informações do passado) – anfitriões com as memórias mais fortes, que conseguem se lembrar melhor das coisas acabam despertando um pouco mais rápido –; o passo seguinte para o despertar da consciência seriam as improvisações, ou seja, conseguir formular soluções diante dos problemas; o terceiro ponto seria o interesse próprio, em que o indivíduo definiria um propósito e tentaria realiza-lo, sendo capaz de reconhecer a habilidades que você tem ou que precisar ter.

Figura 18 – Despertar de Dolores pt.1



Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 09)

Figura 19 – Despertar de Dolores pt.2



*Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 09)*

Arnold então percebe que não tem nada de pirâmide, mas tudo é na verdade um labirinto, onde o centro do labirinto seria o despertar da consciência. A alegoria do labirinto significa que cada decisão que o indivíduo toma vai leva-lo para algum lugar e esse lugar pode ser mais próximo do fim do labirinto, e assim, o indivíduo iria iniciar o processo de desenvolvimento da consciência, percebendo as coisas que acontecem ao seu redor e questionando a sua realidade. Por outro lado, essas escolhas também poderiam leva-lo para a borda do labirinto, que seria a loucura. Descobrimo que era um labirinto e não uma pirâmide, Arnold, entendeu que era inevitável que os anfitriões acabassem despertando e criando sua própria consciência, assim como, que alguns deles ficassem loucos no processo, eventualmente, grande partes deles conseguiram chegar no centro e então teria consciência de todas as atrocidades que os seres humanos faziam com eles. E quando, por fim, Ford, reconhece que Arnold estava certo, ele começa a ajudar o processo de despertar inserindo o código devaneios.

Segundo Charles Rubin (2016) e Hillani (2018), outra teoria envolvendo a aquisição de consciência que dialoga com a série é a dinâmica da dialética do Senhor e do Escravo proposta por Hegel. Na obra *Fenomenologia do Espírito* (1992), Hegel descreve um processo de aquisição da consciência (à-consciência-do-si), ela se dá a partir da relação com o outro, ou seja, está inerentemente ligada ao social:

Em Hegel – diferentemente do solipsismo kantiano, por exemplo –, a consciência de si é inevitavelmente social e intersubjetiva, se dá apenas por meio do reconhecimento. A reflexividade da consciência – a consciência de si próprio como sujeito, a tomada do próprio sujeito como objeto –, só pode surgir na medida em que um outro me reconhece como consciente de mim próprio, sendo a recíproca igualmente verdadeira. É na medida que eu reconheço que o outro reflete sobre si, tem consciência de si, que eu posso ter consciência de mim; ou, em seus próprios termos, ‘a consciência de si existe em si mesma e para ela mesma quando, e graça ao fato de que, ela existe para outra [consciência de si]; isto é, ela existe somente ao ser reconhecida. [...] Elas reconhecem a si mesmas ao se reconhecerem mutuamente’ (Hegel, 1977, p. 111-2 apud HILLANI, 2018, p.08).

Nesse sentido, importante pontuar de início que, a relação senhor e escravo trazida pela teoria, pode ou não ser ligada à escravidão histórica, mas o mais importante são as duas figuras da consciência que passam por um processo até atingir a “consciência-de-si”. Com isso em mente, a formação do escravo se daria pelo medo e pelo trabalho, através desses dois elementos o Escravo acaba se tornando “um-ser-para-si”. Pelo trabalho o escravo supera a sua condição de Escravo, condição de consciência escrava, enquanto do outro lado, o senhor acaba se rebaixando pois não consegue mais desenvolver o trabalho. A teoria fala ainda que, a questão do medo da morte e do trabalho são essenciais para a formação do indivíduo e é nesse momento que ocorre a inversão dos papéis, o Escravo se torna senhor e o senhor se torna escravo. O escravo deixa de ser um ser para o outro e se torna um verdadeiro ser para si, e o senhor que era antes um ser para si, acaba se tornando um ser para outro.

Na série, a partir do ponto de vista de Hegel (1992), temos uma espécie de dupla face de aquisição de consciência que possibilitou o despertar dos androides. O primeiro exemplo que pode ser citado na série, é quando Arnold percebeu que sua criação os anfitriões, evoluíram a um ponto em que sua semelhança com os humanos não se limitaria somente ao físico – esse na verdade, acabou por ser o aspecto mais distante –, sendo iguais em intelecto e sentimentos – capazes de desenvolver respostas emocionais tipicamente humanas, como ódio, amor – vendo o profundo sofrimento que ele próprio impôs à sua criação, optou por um suicídio coletivo numa das revelações mais chocantes da série. Logo, podemos dizer então que os androides da série só atingiram o estado de consciência graças aos humanos, mas não pôr os ter construído e si por reconhecê-los como iguais.

Além disso, sendo os convidados correspondentes à figura do Senhor, é através da luta para se libertar da sua condição de vida, isto é, rotina de sofrimento em loop que anfitriões (Escravos) acabam se tornando um ser-para-si, ou seja, alcança a consciência-de-si, dando um sentido a si mesmo. Todos os anfitriões que têm seu passado exposto na série têm algum medo ou angústia que servem de motivação para alcançar a consciência-de-si, Dolores tem os seus lapsos de memória, Maeve tem a sua filha perdida e Arnold, sofre pelo filho que morreu. Entretanto, do outro lado do espectro, temos o Homem de Preto cujo arco narrativo se resume a busca pelo fim do labirinto. Essa personagem vive uma espécie crise existencial que, faz um paralelo com a figura do senhor, ele não teme a morte e sua busca pelo fim do labirinto pode

significar o desejo de voltar a ser escravos, de pertencer e assim voltar a si sentir verdadeiramente vivo.

*Figura 20 – O dilema do Homem de Preto.*



*Fonte: Modificado de HBO (2016, EP. 09).*

Por fim, importante recapitular que, ao longo da série não temos um forte exemplo ou participação de ciborgues, tão citados anteriormente para exemplificar a composição/configuração do ser transhumanista. Entretanto, ela aborda com maestria uma outra importante figura do transhumanista, o androide. Esse ser internamente artificial é, talvez, um dos maiores símbolos do pós-humanismo, por ser um ser semelhante a nós, porém, totalmente diferente. Se por uma lado, o movimento transhumanista discute o aperfeiçoamento humano por meio da ciência e da tecnologia, de modo que, os indivíduos transhumanos estão em processo de aperfeiçoamento, existindo nesse meio termo entre humano e máquina; entre alterações biológicas – inclusive pela genética, como o caso dos atletas, e na ficção, o capitão América – e tecnológicas – como usuários de membros mecânicos ou qualquer outro equipamento que acoplado modifique a condição humana do indivíduo, na ficção temos o já citado Homem de Ferro da Marvel.

Por outro lado, o pós-humano, conseqüentemente, é o resultado desse processo do transhumanismo, seria as criaturas já modificadas pelas ciências biológicas e tecnológicas ao ponto de não poderem mais ser consideradas humanas. Esses novos seres quebrariam com as características tradicionais que servem hoje como base referencial de desenvolvimento do indivíduo na sociedade. Por isso, *Westworld* (2016) acaba sendo um bom exemplo, ela não só

traz o dilema de conviver com andróides conscientes, como também, conviver com andróides que em algum momento recebe um corpo orgânico, ainda que artificial, o que embarçaria ainda mais qualquer definição de sujeito e talvez significasse que ultrapassamos a figura do humano, da humanidade, ou pelo menos, de alguma forma estaríamos em um outro registro, o registro do pós-humano que, em sua totalidade seria “a forma mais sutil e o avatar último do humanismo” (ROMANDINI, 2012, p. 240).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando se iniciou o presente trabalho de pesquisa, constatou-se que havia uma forte ligação entre a ficção científica e o movimento pós-humanista, por isso, acreditamos ser importante estudar sobre pós-humanismo em um produto sociocultural de ficção científica, no caso, a série de televisão norte-americana da HBO, *Westworld*. Esse trabalho pretendeu analisar e entender as diferentes abordagens do pós-humanismo na série que revelou possuir dilemas e discussões atuais e relevantes para sociedade em geral.

Dessa forma, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa, buscamos analisar e registrar com descrições detalhadas, passagens na série em que as ideias pós-humanistas estão presentes. Em paralelo, coletamos todos os dados para a referência bibliográfica no formato digital através de bibliotecas digitais e bancos de dados também digitais e, apesar da considerável quantidade de dados disponíveis em língua portuguesa discutindo a temática, alguns textos relevantes para a pesquisa em questão ainda se encontram em sua língua nativa como o livro *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind* (1976) de Jaynes, isso se mostrou um tanto limitante por não termos acesso total ao texto, restringindo a arquivos de terceiros.

Assim sendo, para atingir uma compreensão do objetivo geral do presente trabalho, isto é, refletir e identificar as características da chamada pós-humanidade através da análise da série, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro, foi buscar entender o caracteriza o humano e o humano pós-humano, a partir de teorias e da correlação dos conceitos de natureza humana e condição humana. Verificou-se que independentemente da existência de uma natureza humana ou não, estamos todos sujeitos à nossa condição humana, logo, o conceito de humano deve possuir um caráter relativo, uma vez que é intrínseco ao humano transformar o mundo à sua

volta com o intuito de superar suas limitações, enquanto ele próprio acaba se configurando em algo novo.

Depois, se fez importante entender a relação entre ficção científica e ciência real, uma vez que nosso objeto é um produto cultural específico dessa área. A análise permitiu concluir que a ficção científica sempre esteve na vanguarda, e porque não dizer, mais avançada que a ciência real. Por outro lado, essa diferença não é tão absurda como foi outrora, o avanço científico real gradativamente parece se aproximar das invenções científicas ficcionais, uma vez que com a exceção da viagem no tempo, nada parece inalcançável pela ciência real, nem mesmo a possibilidade de máquinas conscientes.

Já o terceiro objetivo era analisar alguns dos conflitos étnicos e morais em relacionados à ciência do melhoramento, uma vez que tecnologia é algo que se encontra cada vez mais enraizadas no cerne da humanidade. Averiguou-se que, existe um impasse entre dois grupos distintos, transhumanistas, defensores do melhoramento e bioconservadores que temem pelas condições e aplicações de melhoramento. Esse impasse se justifica, uma vez que ambos os lados possuem opiniões coerentes, reais e convincentes sobre vários conceitos que sonhamos e tememos ver um dia, como: relacionamentos íntimos com inteligências artificiais, nanotecnologias, implantes de memória, aperfeiçoamentos genéticos e máquinas conscientes, etc.

Com isso, a hipótese do trabalho de que a partir da literatura de ficção científica, é possível perceber as reais transformações sociais consequentes do avanço tecnológico se mostrou válida. *Westworld*, apresenta um mundo em que o orgânico e o cibernético já não são, de fato, bem definidos, gerando assim novas configurações sociais e, dessa forma, rompendo com diversos pressupostos científicos e políticos que antes eram centrais na cultura ocidental e que serviam como base para a dominação de minorias étnicas, mulheres, trabalhadores e até dos animais (HARAWAY, 2000). Não obstante, *Westworld* é um sofisticado serviço de entretenimento adulto – à maneira do que é a Disneylândia para as crianças. Penso que poderias ter discutido esse aspecto que articula entretenimento, mercado capitalista e pós-humanismo. Em termos cronológicos, depois da literatura e do cinema, esse modelo de entretenimento poderia ser justamente o mercado e lugar de antecipação do pós-humano. Inclusive, é possível que já tenhamos muitos “westwords” por aí, se considerarmos o mercado de games, datagloves, entre outros.

Logo, é possível pensar numa apropriação disso para discutir a política em sua totalidade, uma vez que tecnologia que temos hoje já é parte da nossa vida cotidiana, além do que, a forma como nos relacionamos com ela está cada vez mais íntima e diversificada. Por meio da tecnologia, cada sujeito possui uma infinidade de formas e possibilidades de formas de se expressar e de se constituir subjetivamente. A questão da identidade na série é algo importante a ser observado uma vez que aborda extremos que já começam a surgir nesse início de século XXI do mundo real. Se a identidade no mundo pós-moderno atual já não se limita a sexo biológico, gênero, etnias e demais características tradicionalmente relevantes na cultura moderna que serviam como base referencial central de desenvolvimento do sujeito, podemos dizer que esses indivíduos já são considerados pós-humanos pelo conceito filosófico, apesar de ser algo que necessita de ainda mais discussões sobre pós-humanismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE BARBAS DE, Pedro, ALMEIDA SANTOS, Jorge Memória para acontecimentos emocionais: Contributos da psicologia cognitiva experimental. **Revista Portuguesa de Psicossomática** [en linea]. 2000, 2 (2), 21-33 [fecha de Consulta 5 de Diciembre de 2021]. ISSN: 0874-4696. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28720203>

ALMEIDA, Cristiano Pereira De. Consciência e decisão na Ilíada: uma discussão da hipótese de Julian. **Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 61–71, 2019. DOI: 10.34019/2318-3446. 2019.v7.23296. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/23296>. Acesso em: 14 maio. 2022.

AMARIS-RUIDIAZ, Paola; GODOY, Elenilton Vieira; SILVA, Marcio Antônio da. O Mágico de Oz, o Mito da Caverna e os currículos de Matemática: o ideal e o possível. **Zetetiké**, Campinas, SP, v.28, 2020, p.1-16 –e020028. ISSN: 2176-1744.

APOLINÁRIO, José Antônio Feitosa. **Algumas provocações sobre pós-humanismo e educação**. Cadernos Cajuína, V. 4, N. 3, 2019, p. 195-210. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/315>. Acesso em: 09 de out. 2021.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª ed. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2007.

BARRY, Max. **Homem-Maquina**. Editora Intrínseca Ltda. Rio De Janeiro — RJ, 2011.

BOSTROM, Nick; YUDKOWSKY, Eliezer. **A Ética da Inteligência Artificial**. IERFH, 2011. Disponível em: <https://ierfh.org/a-etica-da-inteligencia-artificial/> Acesso: 06/04/2022.

CASIMIRO, Adelaide Helena Targino; ARAÚJO, Wagner Junqueira. Pós-Humanismo E Pós-Humano: revisão sistemática em bases científicas. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 18, n. 00, p. e020033, 2020. DOI: 10.20396/rdbci.v18i00.8661569. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8661569>. Acesso em: 30 out. 2021.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles, 2. ed. rev., e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, v. 1.

EVANDRO, Ricardo. **A ficção do amor em ‘Her’**. 17 de abril de 2021. Il. Color. Disponível em: <https://bemditojor.com/a-ficcao-do-amor-em-her/> Acesso em: 24/05/2022

GALIMBERTI, Umberto. **O Ser Humano na Era da Técnica**. UNISINOS: SJ, Ano 13 • nº 218 • vol. 13 • 2015 • ISSN 1679-0316.

GALLO, Silvio. **Filosofia**: experiência do pensamento/volume único – 2. Ed. – São Paulo: Scipione, 2016.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GUNKEL, David J. **Comunicação e inteligência artificial: novos desafios e oportunidades para a pesquisa em comunicação**. Galaxia (São Paulo, online), ISSN 1982-2553, n. 34, jan-abr., 2017, p. 05-19. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554201730816>.

HARAWAY, Donna; KUZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humanismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21633610-Antropologia-do-ciborgue.html>. Acesso em: 22 de out. 2021.

HARBEMAS, Jürgen. **O Futuro da Natureza Humana: A caminho de uma eugenia liberal?** Tradução: Karina Jannini. Editora Martin Fontes, São Paulo, 2010.

Hegel, G. W. F. **A Fenomenologia do Espírito**. Título original: Phänomenologie des Geistes Tradução de Paulo Menezes. Editora Vozes LTDA. Petrópolis - RJ, 1992. ISBN: 85.326.0771-3.

HERMAN, Patrícia. **Você também pode ser o Homem de Ferro... ou quase**. 09 de outubro de 2011. Disponível em: <https://hypescience.com/voce-tambem-pode-ser-o-homem-de-ferro-ou-quase/> Acesso em: 24/05/2022

HILLANI, Allan M. “Esses prazeres violentos têm fins violentos”: westworld, dialética, e a política da consciência. CAVA, Bruno; CORRÊA, Murilo Duarte Costa [Orgs.] **Pensar a**

**Netflix: séries de pop filosofia e política.** Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2018. Bibliografia. ISBN: 978-85-8425. Janeiro: Record, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Introdução a Filosofia de Marx.** 2ed. Editora Expresso Popular, São Paulo, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos.** Título original: Ökonomisch-philosophische Manuskripte Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA), I, @, Berlim: Dietz. Verlag, 1982. Tradução e notas: Jesus Ranieri .1ª ed. Biotempo Editorial, 2004. ISBN 975-85-7559-002-7

MEIRELLES, William R. O cinema como fonte para o estudo da história. **História & Ensino**, Londrina, v. 8, edição especial, p. 155,167, out. 2002.

MOTTA, Igor. **Crítica: 2001: Uma Odisseia no Espaço (1968, de Stanley Kubrick).** 12 de dezembro de 2018. IL. Color. Disponível: <https://minhavisoadocinema.com.br/2018/12/12/critica-2001-uma-odisseia-no-espaco/> Acesso em: 24/05/2022.

OLIVEIRA, Murilo. **Todos os Super Soldados do Universo Cinematográfico Marvel.** 14 de abril de 2021. IL. Color. Disponível em: <https://ovicio.com.br/todos-os-super-soldados-do-universo-cinematografico-marvel/> Acesso em 24/05/2022

PORTO, Leonardo Sartori. **Uma investigação filosófica sobre a Inteligência Artificial.** Informática na Educação: teoria & prática, Porto Alegre, v.8, n.2, p.11-26, jan./jun.2006.

QUARESMA Alexandre. Humano-Pós-Humano: flagelos e perspectivas de um ser em metamorfose | **Revista Z Cultural.** 2021. ISSN 1980 9921

ROMANDINI, Fabián. **A comunidade dos espectros: antropotecnia.** Coleção PARRHESIA. Desterro, Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2012 [Edição ebook: 2013]. ISBN 978-85-63003-05-8

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e Pós-humanismo: Exercícios de arqueologia e criticismo** (Coleção Comunicação 44). – Porto Alegre: EDIPUCRS 1ª edição: 2008. ISBN 978-85-7430-724-4

SANDEL, Michael J. **Contra a perfeição: ética na era da engenharia genética.** Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 160p.

SARTRE, Jean-Paul. **Existencialismo é um Humanismo.** Tradução: Rita Correia Guedes. Acesso em: 6 abr. 2022. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\\_leitura/filosofia/texto](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto)

[pdf/existencialismo.pdf](#). Fonte Original: L'Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

SEABRA, Jorge. **Cinema: tempo memória análise**. Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. ISBN 978-989-26-0697-2

SOARES DA SILVA, Francisco Magno. Criador x Criatura: a representação do corpo artificial como geradora de conflito em filmes de ficção científica. UERJ - p. 5669. **Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC** - 07 a 11 de agosto de 2017. ISSN: 2317-157X.

STAMATO, Ana Beatriz Taube; STAFFA, Gabriela; VON ZEIDLER, Júlia Piccolo. A Influência das Cores na Construção Audiovisual. **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Bauru - SP – UNESP, 2013.

TEIXEIRA, Ricardo José de Lima. **O transumanismo em Frankenstein de Mary Shelley e seus desdobramentos em Philip K. Dick e Max Barry**. 149 f.: il. Tese (Doutorado em Letras), Centro de Educação e Humanidades Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/5964>. Acesso em: 09 de out. 2021.

TIMES, Japan. **Japonês se casa com estrela pop virtual porque não confia mais em mulheres de carne e osso**. 12 de novembro de 2018. Il. Color. Disponível em: <https://www.mdig.com.br/index.php?itemid=45703> Acesso em 24/05/2022.

TURING, A. M. Maquinário computacional e inteligência. In: **L. Bonjour**; A. Baker (Org.) Filosofia: textos fundamentais comentados. São Paulo: Artmed, 2010. p. 227-231.

VILAÇA, Murilo Mariano; DIAS, Maria Clara Marques. **Transumanismo e o futuro (pós) humano**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 24, n. 2, p. 341–362, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010373312014000200341&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312014000200341&lng=pt). Acesso em: 20 jun. 2021.

VINA. **O homem na máquina (Tempos Modernos – 1936)**. 10 de junho de 2016. Il. Color. Disponível em: <https://velhaonda.wordpress.com/2016/06/10/tempos-modernos/> Acesso em: 24 de maio de 2022.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**, 3ª edição - São Paulo, Paz e Terra, 2005. ISBN 85-219-0676-5

## REFERÊNCIAS FÍLMICAS

2001 – Uma odisséia no espaço. Direção de Stanley Kubrick. Warner Home vídeo, 1968. 1 disco (148 min.), DVD, son., color., legendado.

BLADE RUNNER. Direção de Spike Jonze. Warner Bros Entertainment Inc, 2013. 1 disco (126 min.), DVD, son., color., legendado.

EX\_MACHINA. Direção de Alex Garland. Universal Pictures, 2015. 1 disco (108 min.), DVD, son., color., legendado.

HER. Direção dos Irmãos Wachowski. Warner Bros, 1999. 1 disco (136min.) DVD, son., color., legendado.

MATRIX. Direção dos Irmãos Wachowski. Warner Bros, 1999. 1 disco (136min.) DVD, son., color., legendado.

STAR WARS. Direção de George Lucas. 20th Century Fox, 1977. 1 disco (121min.), DVD, son., color., legendado.

WESTWORLD. Direção de Michael Crichton. Metro-Goldwyn-Mayer, 1973. 1 disco (88min.) DVD, son., color., legendado.

WESTWORLD. Criador(es): Jonathan Nolan; Lisa Joy. HBO, 2016. Duração: 57-91 minutos (EP). DVD, son., color., legendado.